



vida pastoral

março-abril de 2020 – ano 61 – número 332

Fraternidade e vida: dom e compromisso



DIFUNDIR CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Como dizia o fundador da PAULUS, o Bem-Aventurado Tiago Alberione, na porta dos conventos, antigamente, distribuíam-se pão, sopa etc., uso mantido ainda hoje em muitos lugares; assim, também é preciso distribuir na porta dos conventos a verdade e o conhecimento.

A PAULUS tem como missão promover integralmente o ser humano por meio da comunicação, da assistência social, educacional e cultural. Todas as suas atividades estão voltadas para esse fim.

Apresentamos abaixo os números do relatório de atividades da organização nos campos da Assistência Social e Educacional no período de 2012 a 2018, parte das quais desenvolvida em parceria com outras organizações governamentais e não governamentais.

Resumo da atuação da PAULUS na Assistência Social e educacional no período 2012 - 2018

290 Municípios mobilizados

480 Pesquisas na área social

382 Formações realizadas

8.400 Instituições atendidas diretamente

10.900 Horas de formação

17.330 Certificados emitidos nas atividades de Assessoramento (cursos gratuitos)

8.000.000 kits de livros do programa Direito e Cidadania distribuídos nacionalmente

Bolsas universitárias na FAPCOM (São Paulo)

2.027 Bolsas 100%

4.237 Bolsas 50%

6.264 Total de bolsas no período

Alunos formados gratuitamente pelo curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão e Serviço do SUAS – Sistema Único de Assistência Social

28 Alunos formados em 2017

39 Alunos formados em 2019

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

A canonização de Irmã Dulce, em 13 de outubro de 2019, foi um precioso presente para os fiéis católicos. Doravante a pequena e humilde baiana pode ser invocada pelo nome de Santa Dulce dos Pobres. O nome Dulce lembra doçura. Aquela doçura que os corações bondosos sabem espalhar na vida dos próximos, mesmo tendo uma vida marcada por sofrimentos. Como bem disse D. Helder, “há criaturas como a cana: mesmo postas na moenda, esmagadas de todo, reduzidas a bagaço, só sabem dar doçura”. Dulce foi doçura na vida difícil imposta a tantos irmãos deixados à beira do caminho (cf. Mc 10,46-52). Ela percebeu, desde cedo, que a vida só tinha sentido quando permeada de ternura. E foi o que ela fez: abraçar com ternura os pobres e indesejados, os sem endereço da cidade de Salvador, Bahia.

Dulce foi uma mulher nordestina que não tinha medo do lugar dos conflitos, a rua. Carregava no coração, no olhar e nos gestos os mesmos traços de Jesus Cristo. Havia em seu peito a chama do bem, da compaixão, da urgência para o cuidado. O corpo franzino, em passos suaves, andava na contramão das grandezas do mundo. Toda a vida doada no serviço aos irmãos excluídos, transformados em sobras, “resíduos” (EG 53). Os olhos iluminados de Dulce miravam o invisível, o profundo: Deus mesmo. Ela ensinou o que é ser discípula pelo exemplo, e não só por palavras.

Conta-se que, certa vez, Dulce foi pedir ajuda a um homem rico de Salvador, para socorrer a multidão de pobres que sempre lhe acorria em busca de alívio para o fardo da fome, da indigência e, principalmente, da indiferença. A freira, ao fazer o pedido e estender a mão, teria recebido uma cusparada na mão. Diante da humilhação, Dulce estendeu a outra mão e disse: “Tudo bem, a

cusparada é para mim, e a ajuda para meus pobres?”. O gesto de Dulce é uma lição de bondade que desarma a arrogância, um apelo por justiça: fazer justiça aos pobres.

O tema de capa desta edição de *Vida Pastoral* tem a ver com a bondade, o outro nome do amor, abordagem que emana do tema da Campanha da Fraternidade deste ano: “Fraternidade e vida: dom e compromisso”, sintonizado com a frase bíblica: “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”, texto recolhido da parábola do bom samaritano (Lc 10,33-34).

Para colaborar com nossa reflexão, *Dom Joel Portella Amado* apresenta, em seu artigo, a importância da CF-2020, com o tema sobre a vida, e chama a atenção para o risco da cultura de morte que se implanta entre nós. Recorda que a indiferença é uma forma pecaminosa de pacto com a morte. Nesse sentido, *Antonio Carlos Frizzo* amplia o tema numa perspectiva antropológica, partindo do estudo bíblico sobre o gênero parábola, especificamente a do bom samaritano, e propõe-nos uma ética solidária. *Miguel Debiasi*, por sua vez, apresenta uma metodologia pastoral em diálogo com José Comblin, no contexto latino-americano, visando a uma ação para transformação e libertação das pessoas. Por fim, *Jaldemir Vitória* oferece-nos profundo estudo sobre a teologia do Evangelho de Mateus, o que nos ajudará a melhor usufruir do Ano A do ciclo litúrgico. Contamos ainda com os roteiros homiléticos, desta vez preparados por *Luiz Alexandre Solano Rossi*.

Que tudo concorra para o bem e para a compaixão, verdadeiros antídotos contra a indiferença.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Editor

Editora

PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Jornalista responsável

Valdir José de Castro, ssp

Editor

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Conselho editorial

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Darci Luiz Marin, ssp

Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Sílvio Ribas, ssp

Ilustrações

Patrícia Campinas (artigos)

e Luís Henrique Alves Pinto

(Roteiros Homiléticos)

Imagem da capa

Leonardo Cardoso F. Campêlo /
Campanha da Fraternidade 2020

Diagramação e projeto gráfico

Elisa Zuigeber

Revisão

Alexandre Santana e Tiago Leme

Assinaturas

assinaturas@paulus.com.br

(11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Rua Francisco Cruz, 229

Depto. Financeiro • CEP 04117-091

São Paulo/SP



PAULUS

Redação

© PAULUS – São Paulo (Brasil)

ISSN 0507-7184

vidapastoral@paulus.com.br

paulus.com.br / paulinos.org.br

vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

Sumário

TEMPO DE VER, COMPADECER E CUIDAR 4

Joel Portella Amado

PARÁBOLA: UMA CATEQUESE DE ATITUDE.

O EXEMPLO DO BOM SAMARITANO (Lc 10,25-37) 12

Antonio Carlos Frizzo

ENSAIO DE UMA METODOLOGIA PASTORAL

E AS CONTRIBUIÇÕES DE JOSÉ COMBLIN 20

Miguel Debiasi

DA LEI DE MOISÉS À JUSTIÇA

DO REINO, NA TEOLOGIA DE MATEUS 30

Jaldemir Vitória

ROTEIROS HOMILÉTICOS 39

Luiz Alexandre Solano Rossi

Assinaturas

A revista **Vida Pastoral** é distribuída gratuitamente pela Paulus.

A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel: (11) 3789-4000

WhatsApp: (11) 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista Vida Pastoral – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro

04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopeessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metró Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Tempo de ver, compadecer e cuidar

A identidade e os desafios da Campanha da Fraternidade de 2020



A CF-2020, retomando o tema da vida, chama a atenção para a cultura de morte que se implanta entre nós. Recorda que a indiferença é uma forma pecaminosa de pacto com a morte e convida a trabalhar por uma mentalidade que não olhe o outro como alguém que nos retira da zona de conforto. A compaixão é o antídoto da indiferença, e a CF-2020 indica caminhos para sua concretização.

*Dom Joel Portella Amado é doutor em Teologia, professor de Antropologia Teológica na PUC-Rio, bispo auxiliar da arquidiocese do Rio de Janeiro e secretário-geral da CNBB. E-mail: secgeral@cnbb.org.br

INTRODUÇÃO

A Campanha da Fraternidade faz parte do modo como o Brasil vive a Quaresma. Desde 1962, quando foi iniciada, ela tem marcado a celebração quaresmal em nosso país e deixado contribuições para a Igreja e a sociedade em geral. Ensinando a olhar a conversão no seu sentido mais amplo, desde o nível pessoal até o social e, mais recentemente, o socioambiental, a CF nos ajuda a enfrentar o pecado com os pés no chão da vida. Indica-nos, a cada ano, uma situação específica para que, por meio dela, possamos ir até as causas mais profundas, tanto pessoais como estruturais.

A CF-2020 tem como tema “Fraternidade e vida: dom e compromisso” e como lema “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”, texto recolhido da parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,33-34). É possível que, em vista do tema “vida”, alguém considere estarmos diante de uma repetição, pois a vida já foi tema de campanhas anteriores: 1974 (“Onde está teu irmão?”), 1984 (“Para que todos tenham vida”) e 2008 (“Escolhe, pois, a vida”). Além desses exemplos mais diretos, a temática da vida nunca deixou de aparecer na CF, pois, mesmo naqueles temas mais específicos, a questão de fundo é sempre a vida. Isso acontece porque a consequência do pecado é a morte (cf. Rm 6,23). Se queremos, portanto, enfrentar e vencer o pecado, precisamos assumir a defesa e a promoção da vida em todas as suas instâncias, desde a fecundação até a morte natural, passando por diversas situações – por exemplo, o empenho pela preservação do planeta, nossa casa comum. É por isso que, mais do que afirmar que a vida retornou como tema central da CF, melhor será reconhecer que ela nunca deixou de estar presente, recebendo algumas vezes maior explicitação, como é o caso agora da CF-2020.

1. A GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA

Exatamente com base no retorno do tema da vida é que podemos encontrar a peculiaridade da CF-2020 e acolher a interpelação que nos é feita. O ponto de partida é a pergunta pelo motivo de esse tema ter novamente recebido destaque. Ocorre, bem sabemos, que, apesar de tanta insistência na defesa e na promoção da vida, esta se encontra cada vez mais ameaçada. Pobreza e exclusão, devastação ambiental, violência, combate e destruição são realidades que vemos crescer a cada dia ao nosso redor. Junto com esses fatos, deparamos com um risco que, em determinadas situações, está se tornando regra. Trata-se da *indiferença* em face de tanta dor, tanta maldade, tanto pecado. Ficamos com a impressão de que nosso tempo perdeu boa dose de sensibilidade para a dor que está ao lado, clamando nas portas de nossas casas, como o pobre Lázaro acolhido pelos cachorros, que se mostraram mais sensíveis do que o homem que ali residia (cf. Lc 16,19-31).

Depois de várias campanhas que abordaram, direta ou indiretamente, o tema da vida, deveríamos ficar impactados não só pelo fato de que ela permanece agredida, como também pelo significativo aumento dos índices de agressão. Ocorre, porém, que não se trata apenas do aumento nos índices de destruição da vida. Vemos crescer em paralelo uma mentalidade que, nos casos mais agudos, já não manifesta a menor preocupação com a dor alheia, com os rumos da sociedade e com o futuro do planeta. Parece que nos anestesiemos diante do sofrimento, talvez como mecanismo de defesa, não percebendo, entretanto, que tais mecanismos acabaram se transformando numa mentalidade, num jeito de ver a realidade e lidar com ela, numa cultura profundamente marcada pela violência e pela indiferença, esta também uma forma de violência. Desse modo, podemos dizer que a CF-2020 é

“APESAR DE TANTA INSISTÊNCIA NA DEFESA E NA PROMOÇÃO DA VIDA, ESTA SE ENCONTRA CADA VEZ MAIS AMEAÇADA.”

uma campanha de síntese, pois ela recolhe o que vem sendo objeto de reflexão ao longo de seis décadas. Mostra que o pecado é sempre uma agressão à vida e, vice-versa, que toda agressão à vida é sempre pecado. Nisso se inclui a indiferença.

2. A INDIFERENÇA SE FEZ MENTALIDADE

É por isso que a CF-2020 quer ampliar a interpelação quaresmal. Fala, sem dúvida, aos corações, questionando-os a respeito do pecado. Fala à sociedade, lembrando as inúmeras situações que agridem o ser humano e a vida em geral. Fala também a uma mentalidade que vai encontrando justificativas para já não se preocupar com a vida, sobretudo com a vida ameaçada, agredida e destruída. No desejo de dar um passo a mais, a CF-2020 questiona não apenas os níveis pessoal e estrutural do pecado, mas também quer chegar ao que podemos chamar de nível cultural, ou seja, à mentalidade que vem sendo gerada e que, entre outros aspectos, traz a marca da indiferença. Há, desse modo, no tema da CF-2020, uma dimensão pessoal, uma socioambiental e uma sociocultural. Uma vez que essas dimensões se encontram articuladas no dia a dia, elas devem, conseqüentemente, ser abordadas também em articulação. É preciso mostrar que a pessoa é indiferente, a sociedade traz situações e estruturas que se alimentam da indiferença e a nutrem, e a mentalidade estabelece as conexões dentro de todo esse processo.

Trata-se de campanha profundamente interpelada pelo que o papa Francisco, logo no início do seu pontificado, chamou de “globalização da indiferença”. De frente para a África, na ilha de Lampedusa, em julho de 2013, tendo diante de si a situação

dos refugiados, o papa alertava o mundo de que estamos diante de uma mentalidade que se esforça por se firmar cada vez mais. Pouco depois, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco não deixava dúvidas sobre o que estava falando:

Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com esse ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma (EG 54).

É, portanto, para enfrentar essa situação tão angustiante que a Campanha da Fraternidade retoma o tema da vida, alertando-nos de que está se criando em nosso mundo, ainda que sob diferentes formas, uma cultura de morte. Para ela, o outro e a outra já não são vistos como irmãos e irmãs. Algumas vezes – como lembrado na menção feita à parábola do homem que não percebia um ser humano sofrendo à sua porta –, nem sequer vemos as pessoas. E, quando as vemos, corremos o risco de as considerar competidoras e, mais grave ainda, inimigas a serem combatidas, destruídas, mortas. Ora, uma mentalidade que, direta

ou indiretamente, tem a morte como valor está em situação de pecado. Precisa ser alertada, despertada, chamada de volta a ter a vida como valor maior: a vida de cada pessoa, de todas as pessoas e do planeta.

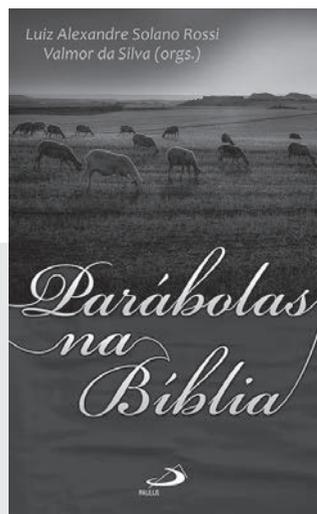
3. CONVERTER MUROS EM PONTES

Essa mentalidade tem encontrado no “muro” uma imagem muito expressiva. Ao mesmo tempo que protege das ameaças externas, o muro também impede de ver quem está do outro lado. Considerando, pois, que o que os olhos não veem o coração não sente, fecha-se o circuito da indiferença e, mais grave ainda, pode-se considerar um pedido de ajuda vindo do outro lado do muro como ameaça e iniciar uma postura de combate, de destruição. É por isso que cumpre ultrapassar a mentalidade que ergue muros para assumir a mentalidade que constrói pontes. Vivemos num tempo de mudanças profundas, estamos desejosos de que uma nova época surja no mundo, trazendo paz, justiça, solidariedade, fraternidade e reconciliação. E isso não se consegue erguendo muros. Isso se faz, ao contrário, construindo pontes, estabelecendo relações de fraternidade e de diálogo.

Essa é a razão pela qual a Campanha da Fraternidade não perde sua identidade quaresmal. Na verdade, ela quer ser um instrumento de radicalização do clamor por conversão sincera e profunda, conversão que abrange, entre outros aspectos, abandonar uma mentalidade indiferente à vida e, nos casos mais graves, inimiga da vida. Trata-se, portanto, de redirecionar o olhar para o próximo, identificar ali um irmão ou irmã e se comprometer com esse próximo, estabelecendo pontes de relacionamento, que libertam tanto os que sofrem quanto os que a eles são indiferentes. Olhar as vítimas, os indiferentes, os causadores das diversas formas de violência e a sociedade violenta e indiferente.

Parábolas na Bíblia

Luiz Alexandre Solano Rossi
e Valmor da Silva (orgs.)



240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Neste livro, os autores investigam o uso de parábolas ao longo das Sagradas Escrituras, apresentando uma estrutura que facilita a compreensão. O primeiro e o último capítulos funcionam como a moldura de uma pintura. No primeiro capítulo, temos uma grande introdução ao gênero literário; no último, o leitor será levado a investigar as parábolas que não entraram no cânon judaico-cristão, presentes nos livros apócrifos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“VIVEMOS NUM TEMPO DE MUDANÇAS PROFUNDAS, ESTAMOS DESEJOSOS DE QUE UMA NOVA ÉPOCA SURJA NO MUNDO, TRAZENDO PAZ, JUSTIÇA, SOLIDARIEDADE, FRATERNIDADE E RECONCILIAÇÃO.”

4. A PALAVRA PROCLAMADA

Para cumprir essa finalidade, a CF-2020 começa com a proclamação da Palavra de Deus. A partir do lema, o texto-base é iniciado com o anúncio da Boa-nova. A CF-2020 convida pessoas, grupos, comunidades e o país inteiro a ouvir e difundir a parábola do bom samaritano, um texto tão conhecido e de tão fácil compreensão: uma violência, uma vítima, dois indiferentes e um solidário. Por mais conhecido que seja, esse texto não se torna ultrapassado. Ao contrário, sua atualidade é grande, pois estamos diante de um quadro social, ambiental e cultural de aguda violência, com risco de morte, mas também da indiferença que passa ao largo e de um coração generoso que vem, compadece-se e cuida. O texto não nos diz quem era o homem agredido e deixado para morrer na estrada. Diz apenas que era uma vítima, e isso basta para despertar a sensibilidade que o Criador plantou em nós. O texto não fala de conhecimento prévio entre a vítima e aquele que a socorreu. Diz apenas que a vítima estava ali e o samaritano passava pelo mesmo caminho. Não existem, portanto, outras razões que não sejam se sensibilizar com a dor alheia e, por meio de gestos imediatos, testemunhar outra mentalidade, outro jeito de ver a vida. O samaritano, com sua atitude, testemunhou ser possível pensar, sentir e agir diferente. Ele não se deixou levar pela mentalidade do muro. Ele foi ponte para a vida.

Esta é a proposta da CF-2020: olhar a realidade com o olhar dos discípulos missionários (DAp 19). O texto-base não deixa de seguir os costumeiros passos ver-julgar-agir. Explícita, no entanto, que o faz,

em cada passo, com base na contemplação da Palavra de Deus – no caso, a parábola do bom samaritano. O discípulo missionário sabe conectar Palavra e existência, fé e vida, oração e ação. Em tudo isso, sabe que deve fazer sua parte para vencer o pecado em si e na realidade à sua volta. Na parábola, é possível identificar exatamente esses três passos do método que vem marcando a CF ao longo dos anos: o samaritano *viu* o homem deixado na estrada para morrer, *julgou* segundo o critério da compaixão e *agiu*, socorrendo de imediato e tomando, em seguida, outras providências em vista da preservação da vida.

5. UM VER PARA ALÉM DOS MUROS

No ver, o texto-base identifica, à semelhança do homem semimorto na estrada de Jerusalém a Jericó, algumas situações de vida ameaçada em nossos dias. São exemplos que podem ser completados por outros, recolhidos do cotidiano das comunidades. Não se trata de lista exaustiva, e sim convidativa, para que cada comunidade descubra como a vida está ameaçada e como a mentalidade da indiferença se manifesta. Alguns exemplos estão indicados em virtude da presença em praticamente todas as realidades. Neles, a morte se faz presente desde o extremo do homicídio, em suas variadas formas, até o suicídio, situação que aumenta a cada dia, especialmente entre jovens e adolescentes. Grupos de extermínio, geradores de jogos para adolescentes, corruptos e associados, devastadores ambientais, bem como algumas situações ocorridas recentemente em nosso país, são traduções, para os nossos dias, daqueles dois homens que, independentemente dos motivos, passa-

ram direto, sem socorrer o que jazia quase morto na beira da estrada. São exemplos de como estamos nos tornando indiferentes à vida, brincando com ela, como se pouco ou nenhum valor tivesse. O indiferente é também um gerador de morte, pois, quando a vida está ameaçada, o nada fazer já é uma contribuição para a morte. Trata-se do pecado da omissão.

6. UM JULGAR SEGUNDO A COMPAIXÃO

É por isso que, no julgar, a compaixão emerge com todo o vigor. Ela é o critério maior a reger as relações humanas e sociais quando o sofrimento se manifesta. A compaixão é o antídoto da indiferença. O perdão de Deus – busca quaresmal por excelência – deve se traduzir no que Jesus disse ao homem que o havia provocado, com o desejo de testá-lo e garantir um legalismo justificador da indiferença. O homem perguntara: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29), e Jesus, ao final, disse, em conclusão, ao homem e a nós: “Vai e faz o mesmo” (Lc 10,37). Desse modo, o julgar compassivo nos convida a romper com a indiferença, a ter justiça e misericórdia no coração, bem como ternura e caridade nas atitudes.

Quando, portanto, olhamos as marcas da indiferença em nosso mundo, recordamo-nos da resposta dada por Caim quando Deus lhe perguntou sobre a vida do irmão, Abel: “Por acaso sou responsável por meu irmão?” (Gn 4,9). Os indiferentes de todos os tempos se esquecem de que, se Deus é Amor e se quem ama viu a Deus (cf. 1Jo 4,8), é por meio da relação com o próximo que mediamos nossa relação com Deus. A salvação passa necessariamente pelo amor, e o amor é a Deus e ao próximo como a nós mesmos (cf. Mt 22,34-40). Somos efetivamente seres de alteridade, e a indiferença agride frontalmente o mais profundo de nossa existência. Quem se fecha

“Só Deus é bom!”

As memórias do jovem rico

Carlos Mesters



200 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Levando em conta as informações da geografia da Palestina, da história bíblica e da ciência exegética a respeito do modo de pensar do povo daquela época, o autor procurou imaginar como o jovem rico, a quem demos o nome de Tiago, se encontrou com Jesus na Galileia, como se sentiu interpelado por ele e como acabou aderindo à Boa-nova do Reino através de um longo processo de conversão.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“A COMPAIXÃO É O ANTÍDOTO DA INDIFERENÇA.”

ao próximo que vê fecha-se também ao Deus que não vê (cf. 1Jo 4,20). A indiferença é, desse modo, doentia e pecaminosa, pois fomos criados para Deus e para o próximo. Em Cristo, fomos redimidos para o amor e a fraternidade. Com esse olhar, julgamos a realidade. Não com o olhar de quem alimenta a indiferença ou estimula a violência, mas com o mesmo olhar do bom samaritano.

7. A GLOBALIZAÇÃO DO CUIDADO

Por fim, o agir traduz, para nossos dias, as atitudes do samaritano: cuidado imediato e acompanhamento do problema até o feliz resultado. Assim como no julgar, também no agir são indicados alguns exemplos que não esgotam a criatividade de cada local. O texto-base indica os quatro níveis em que o agir pode acontecer: pessoal, familiar, comunitário e social. Um nível não exclui o outro. Todos os níveis são indispensáveis. Importa, de acordo com a situação encontrada, discernir em qual nível agir. O bom samaritano cuidou primeiro das feridas, no próprio local onde encontrou o homem semimorto. Só depois o levou para um lugar em que pudesse dar continuidade aos cuidados. Ele não teceu lamúrias a respeito da insegurança nas estradas entre Jerusalém e Jericó. Tampouco agiu erguendo muros para a própria proteção, mas sendo ponte para que a vida não fosse destruída.

Também no campo do agir, o texto-base apresenta algumas sugestões. Várias já são implementadas, e não se trata de inventar o que já existe, e sim de acelerar sua implantação e avançar no que já vem sendo feito. A CF-2019 nos apresentou o desafio das políticas públicas como resultado do es-

forço comum para a superação das tristes situações de pobreza e exclusão. Muitas sugestões foram então indicadas. Algumas não tiveram condições de ser implantadas em apenas um ano. Devem, por isso, receber continuidade, na certeza de que o tema de uma CF não anula o anterior. Pelo contrário, há uma sequência que precisa ser compreendida e levada à concretização.

8. UM GESTO DE TODOS PARA MUITOS

Um dos gestos bem concretos da CF é a coleta feita no domingo de Ramos. Lembrando as pessoas que, em meio aos sofrimentos, depositavam as esperanças no Filho de Davi (cf. Mt 21,9), que entrava em Jerusalém, somos convidados a expressar nossa generosidade mediante a ajuda financeira. De tudo que é recolhido, 60% ficam na própria diocese, para o Fundo Diocesano de Solidariedade, e 40% vão para o Fundo Nacional de Solidariedade, administrado por uma comissão da CNBB. A essa comissão cabe analisar cada pedido, verificar os detalhes técnicos e discernir para onde vão os recursos. Os critérios de avaliação seguem os princípios evangélicos e as normas atuais para a concessão de recursos.

São aproximadamente 200 projetos atendidos a cada ano. Esses projetos são divididos em três grandes eixos: formação, defesa de direitos e geração de renda. Alguns acabam integrando mais de um eixo. O valor total da ajuda varia a cada ano, de acordo com o resultado da coleta. Em sua maioria, os projetos são atendidos com valores pequenos, deixando a comissão gestora impressionada com o que a criatividade,

a generosidade e a honestidade são capazes de fazer com poucos recursos. Assim, a CF acaba realizando uma grande partilha. Já não é o recurso de uma ou outra pessoa, mas uma única doação realizada por todos.

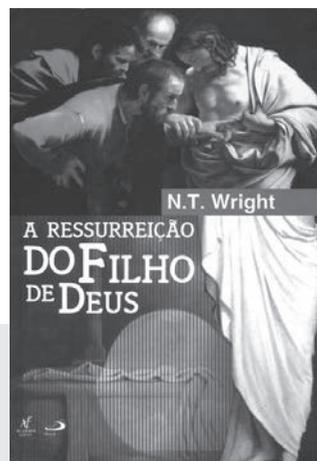
9. UMA VIDA NO CÉU

Para expressar inequivocamente a possibilidade de uma vida que, não sendo indiferente, fez a diferença, a CF-2020 dá destaque à vida e à santidade de irmã Dulce, nossa Santa Dulce dos Pobres. Apesar de sua fragilidade, ela nunca deixou de ouvir os clamores de quem a procurava. E, como a dizer que isso não bastaria para expressar o amor de Deus, ela saía em busca de outros que também estivessem em situação de penúria, pois o bom pastor sai em busca das ovelhas em situação de perigo (Lc 15,3-5; Jo 10,11). Santa Dulce foi mensagem do céu aos que sofriam na Bahia de seu tempo e, canonizada, tornou-se mensagem a todos os que desejam inspiração e intercessão para superar a indiferença.

Na identidade visual da CF-2020, encontramos irmã Dulce na rua, em meio a um grupo de necessitados. Os que ali estão não são os únicos a clamar por compaixão em nossos dias. Cada comunidade poderá se lembrar de outras situações que lhe sejam mais próximas. O importante é perceber que Santa Dulce, no desenho, não se encontra na proteção de uma casa, pois seu coração não foi o de quem passa ao largo do sofrimento. Ao contrário, sem perder o amor por Jesus – o amor que a levou à vida consagrada –, Santa Dulce percorreu as ruas de Salvador, vendo, compadecendo-se e cuidando. Na medida em que nós nos alegamos com sua canonização, devemos transformar essa alegria em compromisso de vencer a indiferença e trabalhar por uma mentalidade e uma sociedade cada vez mais solidárias. Essa é a proposta da CF-2020. **vp**

A ressurreição do Filho de Deus

N. T. Wright



1104 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Neste volume, N. T. Wright vira a mesa da erudição bíblica contemporânea ao demonstrar que os autores do Novo Testamento acreditavam em uma ressurreição corporal literal de Jesus Cristo. Combinando sua vasta erudição bíblica e clássica com uma metodologia rigorosa e filosoficamente consciente, Wright enraíza o julgamento sobre a realidade da ressurreição no chão do juízo histórico, sem com isso negar o seu significado religioso e teológico.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

Parábola: uma catequese de atitude. O exemplo do bom samaritano (Lc 10,25-37)

Numa perspectiva antropológica, o texto aprofunda o estudo bíblico sobre o gênero parábola, especificamente a do bom samaritano, e propõe-nos uma ética solidária.

*Pe. Antonio Carlos Frizzo é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professor de Teologia Bíblica no Itesp (Instituto São Paulo de Estudos Superiores), em São Paulo, e na Faculdade Católica de São José dos Campos-SP. É assessor do Centro Bíblico Verbo e membro da equipe de coordenação do curso "Fé e política" na cidade de Guarulhos-SP
E-mail: acfrizzo@uol.com.br



INTRODUÇÃO

Jesus foi um mestre de seu tempo. Teve como meta, como única preocupação, o anúncio e a instauração do Reino de Deus. Com certa frequência, vemos, nos evangelhos, frases que acenam admiração diante do seu modo de ensinar fazendo e de fazer ensinando: “Quando Jesus acabou de proferir essas parábolas, partiu dali... maravilhavam-se e diziam: ‘De onde lhe vêm essa

sabedoria e esses milagres?’” (Mt 13,53-54); “Responderam os guardas: ‘Jamais um homem falou assim’” (Jo 7,46); “Todos testemunhavam a seu respeito e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca” (Lc 4,22); “De onde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada?” (Mc 6,2).

Quando optamos por ver os caminhos feitos pelo Jesus histórico, observamos que sua vida foi direcionada para as coisas do Reino, tendo como ponto de partida o sofrimento das mulheres e dos homens. Os escritos de Marcos (cf. 1,14), Mateus (cf. 5,1-12) e Lucas (cf. 4,16-21) insistem em situar a inauguração da atividade pública de Jesus após um episódio que afetou a vida interna da comunidade. Não temos dúvidas de que, em sua historicidade, Jesus foi considerado um anunciador extraordinário.

O termo “parábola”, *parabolé*, no grego, surge como uma palavra composta: *para* (“lado”) e *ballô* (“lançar”). Oferece a ideia de falar de algo que é impossível explicar diretamente, mas somente recorrendo à figura de linguagem que se encontra ao lado, a fim de oferecer uma resposta por comparação ou analogia. Ao recorrer ao gênero das parábolas – termo usado pelos próprios evangelistas –, Jesus procurou manifestar nova maneira de compreender a Deus e relacionar-se com ele, com a vida das mulheres e homens, com uma postura ética voltada para o fortalecimento dos laços humanos. Um Deus muito próximo das fraquezas humanas, mas, ao mesmo tempo, uma divindade que contava com a colaboração humana para ser conhecido no interior da sociedade. Por meio das parábolas, podemos descobrir um Jesus que ensinava com base na realidade, na cultura, nos problemas, nos desejos das pessoas do seu tempo. Ele deu amplos sinais de superação da exclusão sustentada na lei do

“POR MEIO DAS PARÁBOLAS, PODEMOS DESCOBRIR UM JESUS QUE ENSINAVA COM BASE NA REALIDADE, NA CULTURA, NOS PROBLEMAS, NOS DESEJOS DAS PESSOAS DO SEU TEMPO.”

puro e do impuro. As parábolas revelam um Jesus “plugado” nos desafios e realidades de sua época. Com as parábolas, ele quis revelar aos seus ouvintes a chegada do Reino de Deus. Mostrou-lhes as possibilidades de viver numa sociedade sem excluídos e privilegiados.

1. PARÁBOLAS NO ANTIGO TESTAMENTO

Esse gênero literário não é originário do Novo Testamento. Encontramos parábolas nas narrativas históricas do antigo Israel. Na primeira tentativa de instaurar a monarquia sobre as antigas experiências tribais – modelo de vida descentralizado e partilhado –, encontramos, na violenta e fratricida experiência de Abimelec, inquietante parábola. Os autores deuteronomistas não escondem que o modelo político de reorganizar as relações sociais, o comércio e o uso da religião a serviço do rei é centralizador, violento e injusto (DIETRICH, 2013, p. 24).

Em seu desejo de ser rei, Abimelec não esconde seu plano. Vai a Siquém, reúne todo o clã da casa paterna de sua mãe, busca apoio junto aos homens notáveis e lhes expõe seu plano centralizador: “Que será melhor para vós: que setenta homens, todos filhos de Jerobaal, dominem sobre vós, ou que um só homem domine?” (Jz 9,2). O plano, contudo, deve ser sustentado por um viés ideológico. Para justificá-lo, Abimelec busca no parentesco a justificativa. Eis o argumento: “Lembraí-vos de que eu sou osso vosso e carne vossa” (Jz 9,2b). Em um regime tribal, todos se preocupam com a vida e a sobrevivência de todos. A marca essencial passa a ser: o que é meu também

pertence ao todo. É nesse laço de convivência fraterna que repousa o argumento de Abimelec. Às demais lideranças não resta outra escolha. Por ser considerado “nosso irmão” (Jz 9,3), ele recebe apoio financeiro e, com certa quantia, recruta homens vadios e aventureiros para pôr em prática seu projeto de realeza. Tem em mãos prestígio – delegado por seus irmãos –, dinheiro e certa força militar. Resta-lhe executar o plano. Traíçoeiramente, vai à casa de seu pai e mata seus irmãos em um só lugar, restando somente seu irmão mais novo, Joatão, salvo por ter se escondido. Pronto. Está instituída a monarquia por meio de tremendo e violento golpe.

Ao irmão sobrevivente, no entanto, resta fazer a denúncia. A parábola, uma das mais antigas narrativas bíblicas, apresenta severa crítica à monarquia. As árvores nobres não aceitam reinar, mas o espinheiro – inútil e perigoso, por propagar o fogo – aceita a função:

Levaram a notícia a Joatão, e ele subiu ao cume do monte Garizim e lhes disse em alta voz: “Homens notáveis de Siquém, ouvi-me, para que Deus vos ouça! Um dia as árvores se puseram a caminho para ungir um rei que reinasse sobre elas. Disseram à oliveira: ‘Reine sobre nós!’ A oliveira lhes respondeu: ‘Renunciaria eu ao meu azeite, que tanto honra aos deuses como aos homens, a fim de balançar-me sobre as árvores?’” (Jz 9,7-9).

É oportuno atentar para o início da narrativa e perceber como, recorrendo às imagens de árvores frutíferas – oliveira, figueira e videira, fundamentais para a eco-

nomia na região –, a narrativa expõe o perigo de um governo centralizado na pessoa do rei, aqui exemplificado na imagem do espinheiro, arbusto que, embora seja, por sua natureza, incapaz de oferecer abrigo e sombra, aceita reinar após as seguidas renúncias das nobres árvores.

O estilo parabólico, tanto ontem como hoje, retrata uma experiência de vida que, quando dita, verbalizada, todo mundo compreende. São afirmações comparativas que se fazem com o desejo de inquietar, chamar a atenção do ouvinte, levá-lo a pensar e optar por uma atitude. Não há teoria. Há algo prático, para agora, inadiável. Um modo de ensinar marcado por cinco momentos: atenta escuta, reflexão, inquietação, discernimento e tomada de atitude.

Encontramos outras parábolas que se desenvolvem ao redor de imagens, como a do espinho e do cedro contrapostos (cf. 2Rs 14,9-10), a do rico mau (cf. 2Sm 12,1-9) e a dos dois irmãos (cf. 2Sm 14,4-10). Todas expondo enigmas, com forte aceno político, relacionados à posição adotada pelo monarca. Inquieta-nos saber se o rei atuará com o desejo de agir com justiça e na base do direito. Já nas narrativas proféticas, o uso das parábolas tem finalidade eminentemente teológica. Algumas acentuam o agir divino em prol do povo: a imagem do leão (cf. Am 3,4-8), a ovelha ferida (cf. Am 3,12; Mq 4,6-7), o povo arredio (cf. Os 7,11; 4,16; 9,10). Outras visam denunciar o desvio do povo, concretizado no uso da idolatria que oprime e destrói sua organização social: a vinha (cf. Is 5,1-7; Ez 15; Is 27), o agricultor (cf. Is 28,23-29) e a imagem alegórica dos figos (cf. Jr 24).

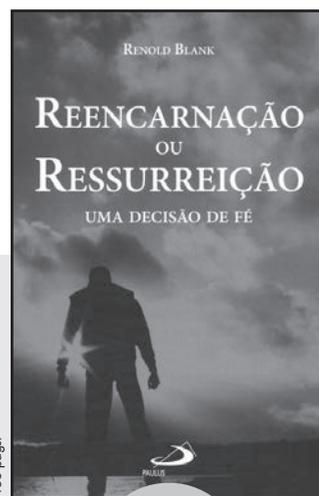
2. PARÁBOLAS NO EVANGELHO DE LUCAS

Na época da redação final do Evangelho de Lucas, entre os anos 60 e 80, já na segunda geração após a morte de Jesus, as comunidades adeptas ao Caminho estavam

Reencarnação ou ressurreição

Uma decisão de fé

Renold Blank



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Diante do número cada vez maior dos templos espíritas e de adeptos do Espiritismo e da Umbanda, somos cada vez mais indagados sobre uma questão fundamental: quem tem razão? O médium, que fala sobre suas experiências com reencarnação e espíritos de mortos, ou o cristão, que acredita na esperança de ser ressuscitado? É o que busca responder este livro.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

**“O ESTILO PARABÓLICO, TANTO ONTEM COMO HOJE,
RETRATA UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA QUE, QUANDO DITA,
VERBALIZADA, TODO MUNDO COMPREENDE.”**

amplamente inseridas no universo cultural romano e longe da cidade de Jerusalém (cf. At 11,26), encontrando-se dispersas. As mulheres e homens dessa geração não conheceram o Jesus real. Não conviveram com o Mestre, mas guardaram seus ensinamentos, recebidos por meio da tradição oral. Considerando os informes contidos nesse evangelho e na obra dos Atos dos Apóstolos, podemos concluir com rigor que os elementos essenciais aos escritos de Lucas tiveram como fonte “as testemunhas oculares e ministros da Palavra” (Lc 1,2). Estamos diante de duas obras escritas pelo mesmo autor ou por uma mesma escola (RICHARD, 2003, p. 8).

Das 85 parábolas que encontramos no conjunto dos textos que compõem as narrativas sinóticas de Mateus, Marcos e Lucas, 66 estão no Evangelho de Lucas. Não resta dúvida de que o senso de historiador do autor do terceiro evangelho demonstra grande apreço por esse gênero narrativo.

Na terceira parte da obra lucana – composta dos capítulos 9,51-19,27 e conhecida como narrativas da subida para Jerusalém –, nosso autor concentra sua atenção nas exigências para quem deseja marcar sua vida pelo seguimento e testemunho de Jesus:

- Para seguir o Mestre, é necessária uma vida marcada pela vigilância na oração e confiança na Providência (cf. 9,51-13,21);

- O testemunho de Jesus é exigente. Há severa proposta ética: o esforço de passar pela porta estreita (cf. 13,24). Não há como ser sinal do projeto novo longe da vida e dos desafios dos pobres. A bondade divi-

na não se enquadra num comportamento pautado pela hipocrisia, muito menos pela lei do puro e do impuro (cf. Lc 15);

- A gratidão torna-se apelo constante e impõe vigilância no interior da comunidade (cf. Lc 17,1-10), para que os apelos da riqueza e dos bens deste mundo não sejam obstáculos para o testemunho, espelhado na conclusão do encontro de Zaqueu com Jesus (cf. Lc 19,1-27).

Considerando o conjunto das normas expressas no livro do Levítico 19,3-18, cremos que nosso autor não só tem em conta tais normas éticas, como também as relê com o desejo de expor aos seus destinatários – já em um universo envolvido pela cultura greco-romana – sua maneira de compreender o comportamento de Deus junto aos necessitados. O encontro do doutor da Lei com Jesus é profundamente marcado pelo desejo de conhecer mais e agir coerentemente com o que afirma a Lei. Eis a narrativa:

E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Ele disse: “Que está escrito na Lei? Como lê?” Ele, então, respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e ao próximo como a ti mesmo”. Jesus disse: “Respondeste corretamente; faz isso e viverás”.

Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Jesus retomou: “Um homem descia de

Jerusalém para Jericó e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu faze o mesmo” (Lc 10,25-37).

3. UM DIÁLOGO MOTIVADO PELO INTERESSE DA LEI

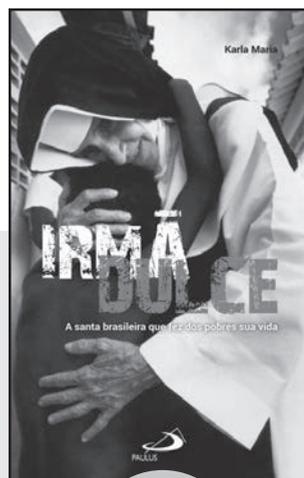
O encontro do homem especialista da Lei com o universo de Jesus acontece mediado pela preocupação de como interpretar e praticar as normas expressas na Lei. Trata-se de diálogo relacionado às normas éticas contidas no livro do Levítico 19.

Cremos ser oportuno, de início, não reforçar qualquer interpretação antijudaica, mas deixar-nos tocar pela força simbólica da narrativa. O intérprete da Lei quer saber mais, para vivê-la de modo mais intenso. Não se aproxima para submeter Jesus a algum tipo de prova. Não visa armar-lhe uma armadilha e pô-lo em alguma situação vexatória. Na narrativa, Lucas faz questão de dar a Jesus o título de destaque: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (v. 25). Há um grau de

Irmã Dulce

A santa brasileira que fez dos pobres sua vida

Karla Maria



Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Este livro traz detalhes escondidos e íntimos de uma história viva que ainda pulsa no coração do povo baiano: a história de Irmã Dulce. Sua vida, seus passos e milagres são reconstruídos a partir de registros históricos, de um trabalho de apuração e de escuta atenta das testemunhas vivas que conviveram com a freira que dedicou sua vida a amar e servir.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

destaque atribuído a Jesus. O homem, embora seja um perito na interpretação da Lei, procura saber mais, por isso pergunta.

A conversa se torna mais consistente ao ser mencionado, como resposta à questão exposta por Jesus, o texto do *Shemá Israel*, contido em Dt 6,4-9. A oração, ainda hoje, é recitada duas vezes ao dia por toda mulher e homem que praticam a religião judaica. Na tradição judaica, o *Shemá* deve ser recitado pela manhã (prece de *Shacharit*) e ao anoitecer (prece de *Arvit*). O encontro de Jesus – elevado à condição de Mestre – com o intérprete da Lei realiza-se na esfera da proclamação da fé e do conhecimento do Deus único (URBACH, 1996, p. 25-42). Ambos, Jesus e o legista, estão de acordo. O encontro se aprofunda quando Jesus ouve a segunda pergunta: “E quem é o meu próximo?” (v. 29). A resposta vem acompanhada da força da parábola do bom samaritano.

3.1. Ao redor da vítima, três atitudes

No Brasil de hoje, dilacerado pelo ódio e pela intolerância, fala-se muito de ética – este texto é escrito quatro dias após o sepultamento da menina Ágatha, de 8 anos, morta pela polícia civil do Rio de Janeiro por volta das 20 horas do dia 20 de setembro de 2019. Na cidade, de janeiro a agosto desse ano, foram mortas pela polícia 1.249 pessoas. Compondo essa trágica cifra, outras quatro crianças foram mortas e somente uma teve o inquérito policial concluído. Instala-se a barbárie. Vale tudo para exterminar pobres, pretos e periféricos. Do outro lado da moeda, há discursos eleitoreiros e políticas públicas comprovadamente ineficazes contra o crime organizado. Lida nesse cenário, a parábola do bom samaritano serve para ilustrar o momento pelo qual passamos, com tantas multidões à beira da estrada. Aquele que se encontra

à beira da estrada nada tem, nada pode e nada sabe. Diante dele, o passante pode ter três atitudes. Vejamos.

3.1.1. A atitude do ladrão

De certo modo, os seres humanos podem ser considerados segundo estas três dimensões: ter, poder, saber. Na sociedade hodierna, somos o que consumimos. Somos na exata proporção do que podemos mostrar aos outros. Consumo, logo sou. Tenho de ser notado. Nesse sentido, a moral do ladrão, do assaltante, é a seguinte: “O que é meu é só meu. O que é seu deve ser meu e, se você não me der, eu mato você”. Não precisamos ir longe para ver, no Brasil atual, essa moral de assaltante, que tolhe, mata e rouba.

3.1.2. A atitude do sacerdote e do levita

A moral do sacerdote e do levita em relação ao homem que estava quase morto, à beira da estrada, é a seguinte: “O que é meu é meu. O que é seu é seu. Estou numa boa. Você está na pior, dane-se”. Como tantos, os levitas e sacerdotes do tempo presente não querem se envolver com pessoas necessitadas. Não buscam pensar em soluções estruturais, em políticas públicas que se pautem pela diminuição da pobreza, pela igualdade entre mulheres e homens, pelos direitos das crianças e adolescentes, pelos esforços pela preservação e manutenção dos recursos naturais em benefício das futuras gerações. Nada inquieta tais grupos acomodados. O sofrimento do outro, a destruição sistêmica da natureza são realidades incapazes de motivar gestos de solidariedade e compaixão. Para tal grupo de pessoas, sempre será mais fácil encontrar ou forjar desculpas para o não comprometimento.

3.1.3. A atitude do bom samaritano

Enfim, a terceira atitude, mais que uma moral, revela um projeto de vida: “O que

é meu é realmente meu quando pode se tornar nosso”. O bom samaritano se aproxima do homem que estava sem consciência e o faz adquirir consciência por seu contato. Ele partilha. É oportuno observar a métrica que o texto adquire na sequência dos verbos: “chegou junto... viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas” (v. 33-34).

A atitude de partilha com o necessitado oferece a este condições de empoderamento. Eis o sentido do amor que dá a vida. Oferece ao outro plenas condições de ser e não ficar à margem. Nesse sentido, os milagres de Jesus apontam para uma ação pública diretamente voltada para beneficiar o outro. Visa tirá-lo da situação marginal em que se encontra. A atitude solidária faz o outro ter plenas condições de poder. O samaritano, com seu gesto, faz o outro ter (aspecto econômico), faz o outro poder (aspecto político) e faz o outro saber (aspecto cultural), tornando possível àquele caído na estrada assumir a consciência de sua dignidade.

PALAVRA FINAL

Esta Campanha da Fraternidade seja rica oportunidade para descobrir as irmãs e irmãos que se encontram à margem. Pos-

sa proporcionar ricos e alegres momentos de diálogo, belas rodas de conversa, estudos e programas que favoreçam a disposição de ver na outra e no outro os próximos. Que, com a maturidade de bons samaritanos e samaritanas, sejamos capazes de propiciar apoio e cuidado à mais pobre entre os pobres: nossa mãe Terra, como bem nos alerta o papa Francisco.

Não podemos nos esquecer dos ensinamentos de nossos mestres do passado: as noites escuras, que hoje nos impõem medo e ameaças e visam nos silenciar, passarão lentamente e, no compasso da vida, irão nos apresentar Deus logo à frente. As veredas do bom samaritano sejam motivos para tirar da letargia nossa juventude atual, marcada, em sua maioria, pelo medo, pela indiferença e pela covardia. Levem-nos a sempre ver que a dor do outro é mais importante que a nossa dor. A dor do próximo não é qualquer dor. Nossas dores se curam quando levamos nos ombros a dor do outro, pois da nossa dor o Senhor cuidará. Nossa coragem vem de Deus, pois, sem ele, ninguém é santo, ninguém é forte. Lembremos que misericórdia vem de *miseris cor dare*, isto é, dar o coração ao miserável. Dar o coração não é olhar de cima, nem fazer para. É fazer com. **vp**

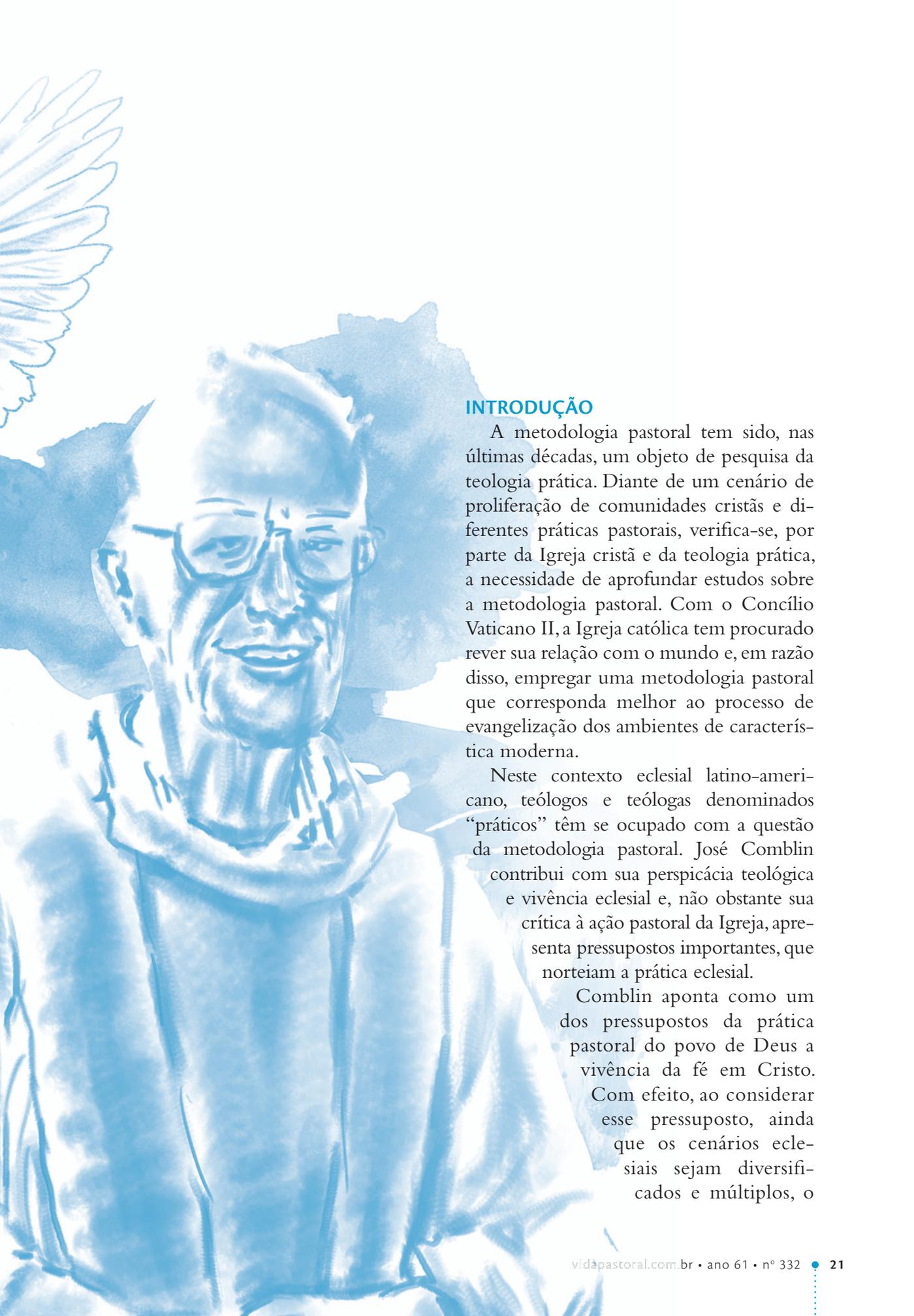
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELORME, Jean; THÉRIAULT, Jean-Yves. *Pour lire les paraboles*. Paris: Cerf: Médiaspaul, 2012.
- DIETRICH, Luis José. *Violências em nome de Deus: monoteísmo, diversidades e direitos humanos*. São Leopoldo: Cebi, 2013.
- RICHARD, Pablo. O Evangelho de Lucas: estrutura e chaves para uma interpretação global do evangelho. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, v. 44, p. 8, 2003.
- SCHOTTROFF, Luise. *As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- URBACH, Ephraïm E. *Les sages d'Israël: conceptions et croyances des maîtres du Talmud*. Paris: Cerf, 1996.

Ensaio de uma metodologia pastoral e as contribuições de **José Comblin**

O texto trata sobre uma metodologia pastoral – em diálogo com José Comblin, no contexto latino-americano – que visa a uma ação para transformação e libertação das pessoas. É necessária a articulação de uma dialética entre evangelho e vida, teologia e prática. Busca-se na prática de Jesus de Nazaré o modelo a ser seguido pelos agentes e comunidades cristãs.

*Fr. Miguel Debiasi é mestre em Teologia pela PUC-RS e em Filosofia pela Unisinos/RS. Doutorando em Teologia pela Faculdades EST/RS. E-mail: migueldebiasi@terra.com.br



INTRODUÇÃO

A metodologia pastoral tem sido, nas últimas décadas, um objeto de pesquisa da teologia prática. Diante de um cenário de proliferação de comunidades cristãs e diferentes práticas pastorais, verifica-se, por parte da Igreja cristã e da teologia prática, a necessidade de aprofundar estudos sobre a metodologia pastoral. Com o Concílio Vaticano II, a Igreja católica tem procurado rever sua relação com o mundo e, em razão disso, empregar uma metodologia pastoral que corresponda melhor ao processo de evangelização dos ambientes de característica moderna.

Neste contexto eclesial latino-americano, teólogos e teólogas denominados “práticos” têm se ocupado com a questão da metodologia pastoral. José Comblin contribui com sua perspicácia teológica e vivência eclesial e, não obstante sua crítica à ação pastoral da Igreja, apresenta pressupostos importantes, que norteiam a prática eclesial.

Comblin aponta como um dos pressupostos da prática pastoral do povo de Deus a vivência da fé em Cristo. Com efeito, ao considerar esse pressuposto, ainda que os cenários eclesiais sejam diversificados e múltiplos, o

“A IGREJA E A TEOLOGIA ACREDITAM QUE, EM TODOS OS CONTEXTOS SOCIAIS E AMBIENTES, HÁ OPORTUNIDADES PARA VIVENCIAR A FÉ EM CRISTO E ASSIMILAR OS CONTEÚDOS DO EVANGELHO.”

labor teológico procura alcançar a teorização da prática pastoral que corresponda ao espírito do evangelho. Comblin entende que a tarefa da teologia, em relação à prática da fé, começa precisamente com a compreensão da prática de Jesus de Nazaré. Nesse horizonte teórico, é preciso registrar algumas considerações sobre uma metodologia pastoral.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO OU A METODOLOGIA PASTORAL

A prática da fé e a ação pastoral constituem uma questão importante na história da Igreja e da teologia. Não é possível convir que a metodologia pastoral tenha sido uma questão central do debate eclesial e teológico. A Igreja e a teologia acreditam que, em todos os contextos sociais e ambientes, há oportunidades para vivenciar a fé em Cristo e assimilar os conteúdos do evangelho. Justamente nessa esperança de propagação do evangelho de Cristo é que o Vaticano II acolhe os tempos modernos.

É possível assumir a percepção de que, no conteúdo da teologia e eclesiologia do Vaticano II, opta-se por um *aggiornamento* no rumo da Igreja. Trata-se de atualização em todos os sentidos. Com esse olhar teológico e eclesial, o Concílio considera abrir perspectiva de atualização da Igreja em relação ao mundo, às ciências, às culturas, às demais Igrejas cristãs e mesmo aos não cristãos e a outros setores da sociedade.

A proposta aqui é abordar a questão no âmbito da compreensão do conceito de metodologia ou método pastoral. Lothar Carlos Hoch argumenta que se

trata de perguntar o que vem a ser método (HOCH, 2011b, p. 60). Na Igreja, fortalece-se a compreensão da palavra *método* ou *metodologia* como técnica ou instrumento de operação de uma ideia, plano ou planejamento pastoral em vista de uma ação eficaz.

A metodologia pastoral limita-se à execução de um planejamento pastoral, bem como à aplicação de uma visão e ideia teológicas. Ocorre, na prática, a instrumentalização da própria metodologia; por consequência, a reflexão pastoral torna-se nula, desnecessária.

Talvez isso tenha colaborado com a “situação confusa reinante na pastoral”, como aponta Hoch (2011a, p. 23). A metodologia pastoral “é muito mais que uma técnica: é a mística do discípulo missionário” (BENINCÁ; BALBINOT, 2009, p. 5). O método é parte inerente da ação evangelizadora. A metodologia é parte constituinte de uma prática pastoral. E, sem dúvida, subsidiária da reflexão teológica e da estruturação enquanto ação prática ou da ortopraxis. Segundo Benincá e Balbinot (2009), o método ou a metodologia pastoral transcende o seu caráter mais científico ou uma técnica aplicável. Sem abdicar do rigor científico, a metodologia pastoral diz respeito à seriedade de uma ação evangelizadora ou de uma prática pastoral.

Agenor Brighenti (2000, p. 62) afirma que a originalidade do método participativo consiste em partir da ação, privilegiando o processo participativo em vez dos resultados. O método tem sua origem na década de 1970, no contexto das práticas eclesiais populares, sendo sis-

tematizado pela reflexão de intelectuais comprometidos com essas perspectivas e processos pastorais.

O intuito central do método participativo é a dinamização das perspectivas e dos processos eclesiais populares, tendo sua prática ou ortopraxis a primazia sobre a ortodoxia. É constituído por três momentos: a explicitação da realidade em que estão inseridos os próprios sujeitos da prática pastoral; a constituição de um plano de trabalho que preveja todos os recursos para uma ação futura; a execução do plano pastoral planejado. Tem como base um diagnóstico da realidade e um prognóstico pastoral com determinados passos para sua execução (BRIGHENTI, 2000, p. 62-66).

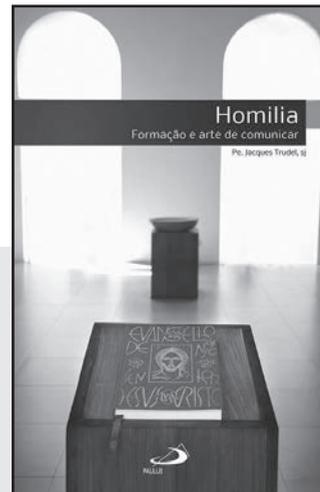
O método participativo se destaca pelo seu caráter processual. Há uma inerente pedagogia a envolver as pessoas em sua prática. O método articula-se pelo seu modo de aplicação. Isso significa correr o risco de ser aplicado sem fundamentos teológicos e eclesiológicos. Por isso, é preciso uma metodologia pastoral que tenha visão do conjunto (ALTOÉ, 2000, p. 7-31). O método pastoral precisa articular-se como o todo da prática eclesial.

Num olhar mais restrito sobre a prática das comunidades eclesiais de base, José Marins analisa que a experiência comunitária da fé se torna um evento pessoal e social por meio do método, sendo conteúdo e método íntima e inseparavelmente unidos (MARINS, 1980, p. 31). Acrescenta que “a metodologia tenta fazer com que essa práxis, que surge da realidade, seja orientada pela utopia fundamental do Reino” (MARINS, 1980, p. 33). Marins procura demonstrar que não existe separação entre vida e fé na prática pastoral das comunidades eclesiais de base.

Homilia

Formação e arte de comunicar

Padre Jacques Trudel, sj



152 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro é fruto da experiência acadêmica e pastoral do autor como professor de Teologia e administrador paroquial em bairro popular. Tem como meta ajudar na formação dos que se preparam para o exercício da homilia. Primeiramente, os ministros ordenados, mas também leigos e leigas que assumem um ministério de “pregação” nas Celebrações da Palavra das comunidades.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“A TEOLOGIA NÃO É UMA REPRODUÇÃO DE FORMAS SISTEMÁTICAS, MAS EXERCE UMA RAZÃO E UMA FUNÇÃO CRÍTICA SOBRE TODAS AS AÇÕES DA IGREJA.”

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO VER-JULGAR-AGIR

No contexto eclesial latino-americano prevalece o método pastoral ver-julgar-agir, que vem da experiência da Ação Católica. Porém, aqui se mostra obrigatório perguntar: é possível uma ação pastoral sem que seja ela previamente pensada? É possível pensar a pastoral sem recorrer a uma metodologia? O método ver-julgar-agir tem contribuído para uma eficaz ação pastoral?

Há sempre o perigo de instrumentalizar a prática pastoral, e com os métodos teológicos não é diferente: “quando falamos de métodos teológicos, não queremos dizer dos princípios de um sistema, mas da atividade, como ato, como resultado do pensamento” (COMBLIN, 1969, p. 137). Por isso, a teologia não é uma reprodução de formas sistemáticas, mas exerce uma razão e uma função crítica sobre todas as ações da Igreja.

O ponto de partida da prática pastoral é a inculturação do evangelho. Foi pensando e vendo dessa forma que a Ação Católica Brasileira, criada em 1935 pela Igreja Católica, introduziu o método ver-julgar-agir. Trata-se de um método pastoral que articula a ação eclesial com base em uma “tríade” (BRIGHENTI, 2000, p. 68) e de forma dialética. São três momentos que se inter-relacionam dialeticamente.

Uma prática e um processo pastoral como evangelização inculturada ou a inculturação do evangelho pensados à luz da metodologia ver-julgar-agir constam de três passos: o primeiro é ver o contexto em que a ação pastoral está inserida. Propriamente, ver significa a capacidade de

compreender todos os mecanismos que compõem a realidade e que envolvem os próprios sujeitos da ação. É conhecer de forma profunda a realidade para que não aprisione a mensagem do evangelho. Em razão desse domínio de compreensão ou da tentativa de se aproximar da realidade da maneira mais factual possível, o ver estabelece uma dialética com o julgar.

O segundo passo é realizar verdadeiro processo de avaliação (julgar) que propõe um caminho de inculturação do evangelho. Nesse processo metodológico, o julgar articula a dialética entre a revelação de Deus e a situação real das pessoas para a inculturação do evangelho. A articulação desse processo metodológico na dialética de confrontação entre revelação de Deus e situação real leva a um novo acontecimento. Ou seja, tal processo se desdobra em nova e autêntica compreensão da realidade sob a hermenêutica da revelação que leva à aceitação do evangelho. A voz do evangelho fala e estabelece um diálogo com a interpretação do mundo, das experiências, e revela as possíveis eficácias e discrepâncias das práticas pastorais. Disso decorre a construção do processo dialético de aproximação e convergência entre ver, julgar e agir.

Nesse processo metodológico pastoral, pode-se e deve-se afirmar que o agir não é um resultado ou meio técnico, mas consequência de verdadeira hermenêutica do evangelho. Trata-se não de uma aplicação simples e pura do método pastoral, mas do alcance prático de crescimento da fé em Cristo e do cumprimento de um imperativo ético e cristão. O método pastoral ver-julgar-agir não é

construção “tecnicista” e de submissão aos deveres religiosos, preestabelecidos pela hierarquia ou pelas coordenações pastorais. Ou, ainda, de pura e simples submissão às regras e normas técnicas de um método pastoral com rigor científico. No dizer de José M. Castillo, “encontrar Jesus e viver a fé nele não é submeter-se à observância de deveres religiosos, mas sim o alcance de aspirações, dos anseios mais profundos do ser humano” (CASTILLO, 2015, p. 420).

O método pastoral ver-julgar-agir parece proceder de forma articulada, mas na prática pode ocorrer desconexão entre os três passos. Ele pode ser muito útil à prática pastoral no contexto latino-americano, porque se utiliza de conceitos que procedem de um diálogo com a análise marxista, embora sem submeter-se a ela. Porém, historicamente, acabou por trazer consigo o “rótulo de marxista” (COMBLIN, 1984, p. 299).

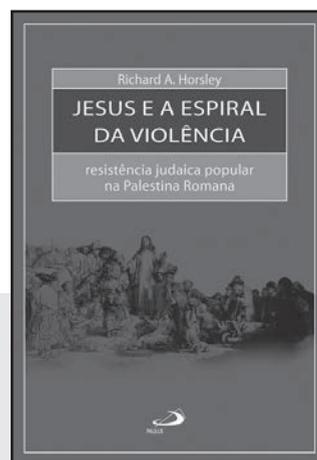
Para Comblin, no método ver-julgar-agir, na prática, observam-se certas desconexões entre os três polos. De modo geral, “o ver, o julgar e o agir são tratados por pessoas diferentes, de formação e de procedência diferentes” (COMBLIN, 1984, p. 299). Comblin identifica certos limites na aplicação e na articulação eficazes desse método:

O ver é tratado por especialistas, leigos ou clérigos especializados, economistas, sociólogos, técnicos, politólogos. O julgar é tratado por teólogos ou biblistas, pois se trata de apresentar o conteúdo bíblico ou teológico que serve para iluminar a situação descrita no ver. Finalmente o agir será tratado por pastores ou especialistas da pastoral. Cada setor recorre às disciplinas da sua especialização (COMBLIN, 1984, p. 299).

Jesus e a espiral da violência

Resistência judaica popular na Palestina Romana

Richard A. Horsley



304 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A partir de um fascinante retrato da Palestina do primeiro século, Jesus emerge como o catalisador da revolução social não violenta que antecipa a renovação de Israel. Esta análise abre uma nova perspectiva sobre a Palestina Judaica do tempo de Jesus dominada pelos romanos, encarando-a como uma situação imperial em que os atos individuais de violência foram as respostas à repressão e à injustiça institucionalizada.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“A VOZ DO EVANGELHO FALA E ESTABELECE UM DIÁLOGO COM A INTERPRETAÇÃO DO MUNDO, DAS EXPERIÊNCIAS, E REVELA AS POSSÍVEIS EFICÁCIAS E DISCREPÂNCIAS DAS PRÁTICAS PASTORAIS.”

Não há como não concordar com os apontamentos de Comblin sobre o método ver-julgar-agir, sobretudo quando se constata que, no que diz respeito à “aproximação entre as diversas especialidades, não se deduz uma conexão rigorosa” (COMBLIN, 1984, p. 299). Ainda que esse método pastoral latino-americano tenha inegável valor, jamais será rigorosamente lógico. Na prática, alguns poderão dizer que o método não serve e, assim, está sujeito ao espontâneo, à pura boa vontade. Para outros, por esse método se pode chegar aos resultados pastorais.

Como escreveu Comblin, “o método não é puro artifício, nem puro oportunismo” (COMBLIN, 1984, p. 170). O método pastoral tem um ponto de partida – a aceitação do evangelho – e uma relação dialética com a realidade. O desafio é que as pessoas de fé, em seus ambientes contemporâneos, procedam à luz de Cristo, da fé que se realiza na ação prática, ação de amor (Gl 5,6). Percebe-se que a reflexão sobre o método pastoral é algo imprescindível em toda e qualquer ação eclesial.

3. OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO OLHANDO PARA JESUS DE NAZARÉ

O método pastoral, tendo como ponto de partida a inculturação do evangelho, propõe-se, com rigor científico e em diálogo com outros recursos, como as ciências, alcançar uma ação pastoral pensada. Há que se valer de uma consciência da situação, apostar no método científico, aprofundar a reflexão teológica sobre o

cenário eclesial, dispor-se a rever novamente o processo pastoral latino-americano, entre outros esforços.

Tudo isso nos leva a perguntar pelo fundamento da pastoral e pelo seu desdobramento em novas luzes para uma prática de inculturação do evangelho. Olhando para o jeito de agir de Jesus como modelo para pensar uma metodologia pastoral e uma ação prática, pergunta-se: qual era o método de Jesus? Seu método era eficaz? Jesus rejeitou a prática dos mestres de Israel da época e também não frequentou suas escolas. Não se submeteu a seus ensinamentos e métodos. Sem dúvida alguma, pode-se afirmar que Jesus de Nazaré “buscou e estabeleceu, na centralidade de sua missão, a vontade e a palavra do Pai” (DEBIASI, 2006, p. 13-14). Assim, podem ser descritos cinco passos da prática de Jesus, na esperança de cooperar para a superação “da situação confusa reinante na pastoral” (HOCH, 2011a, p. 23).

a) *A compreensão da realidade das pessoas.* Jesus faz sua própria inserção na comunidade e procura compreender as circunstâncias da vida de cada um. Ele procura pelo problema pelo qual as pessoas ou a multidão estão passando. Um processo pastoral eficaz decorre da melhor compreensão do mundo das pessoas. Essa compreensão, segundo Comblin, ao expor os limites do método ver-julgar-agir, não é uma compreensão de especializados, economistas, sociólogos ou outros estudiosos – que evidentemente podem ajudar –, mas uma visão mais verdadeira, segundo os olhos da fé (COMBLIN, 1984, p. 299).

b) *A boa compreensão do mundo*, da qual decorre justamente a reflexão ampla e plural sobre o problema vivido pela multidão. A reflexão pastoral sobre a realidade da comunidade requer a mediação – além da ciência, da técnica e da racionalidade – da atividade intelectual cristã, isto é, do exercício da fé (COMBLIN, 1969, p. 120-121). Sem essa mediação, a prática pastoral corre o perigo de alicerçar-se numa “técnica fria, sem poder de persuasão e mobilização” (BRIGHENTI, 2000, p. 81).

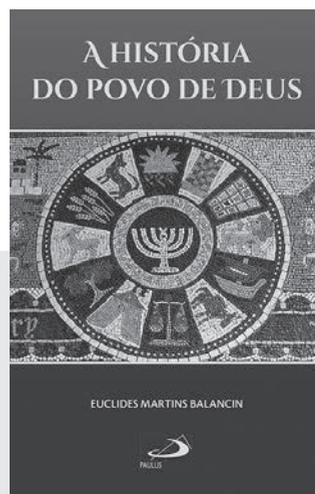
c) *A constituição de uma pensada e vivenciada ação pastoral*. A prática de Jesus indica a atitude a ser implementada: “Faizei que se acomodem” (Jo 6,10). Jesus propõe a organização da comunidade, o que exige criatividade e participação. A prática pastoral é oriunda da mediação e da dialética da realidade da comunidade com o evangelho. Na ação pastoral de Jesus há um processo pedagógico que envolve a pessoa, a comunidade e a multidão (BENINCÁ; BALBINOT, 2009, p. 31-35).

d) *A busca dos resultados da prática pastoral no suporte da compreensão, reflexão e organização comunitária ou eclesial*. O resultado da ação de Jesus era reconhecido pela própria multidão, que exclamou: “Esse é, verdadeiramente, o profeta que deve vir ao mundo” (Jo 6,14). Mesmo diante de tantas dificuldades, o conhecimento verdadeiro do Cristo do evangelho precisa ser o escopo final da caminhada pastoral.

e) *O despertar para a vocação de missão que descobre novos campos de ação eclesial*. “Jesus, porém, sabendo que viriam buscá-lo para fazê-lo rei, refugiou-se de novo, sozinho, na montanha” (Jo 6,15). A atitude de Jesus ao buscar outros lugares impede que

A história do povo de Deus

Euclides Martins Balancin



168 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A novidade desta obra é o modo como é contada a História do Povo de Deus: a partir da organização e mobilização de grupos que desejam construir uma sociedade em que haja liberdade e vida para todos. Nesse caminho, vão encontrando Javé, o Deus aliado e companheiro que deseja a seu povo o que ele mais procura: liberdade, terra e vida.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO, A TEOLOGIA PROPÕE ESTUDOS E CRÍTICA DA PASTORAL ENQUANTO PRÁTICA HISTÓRICA LIBERTADORA.”

o evangelho fique preso a um contexto, ideologia ou iniciativa pastoral. Jesus provoca para a ação, mas não a domina. Eis aí o caráter libertador da sua ação.

Nenhuma metodologia pastoral é eficaz se não nasce do espírito do evangelho. Teologia e prática nada acrescentam ao método pastoral se não houver o experimental ou vivencial do evangelho. Descrever algumas considerações do método pastoral à luz da prática de Jesus de Nazaré requer um conjunto de visões e de percepções que se configuram mediante a mediação e a dialética do evangelho com o mundo e vice-versa. Do contrário, a teologia e a pastoral ou os estudos teológicos e as práticas eclesiais não alcançarão as pessoas e as comunidades para que obtenham resultados. Somente a descoberta dessa realidade cristã de vivenciar o evangelho é capaz de produzir resultados e, assim, legitimar a importância do método pastoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pastoral mais próxima do evangelho e da ação de Jesus de Nazaré é a que tem uma visão que articula o todo da vida cristã. A teologia não tem como primeira função definir uma atividade pastoral da Igreja, e a função da teologia não é justificada por esta ou por aquela prática pastoral. No contexto latino-americano, a teologia propõe estudos e crítica da pastoral enquanto prática histórica libertadora.

Apesar da grande cooperação do método ver-julgar-agir com o labor teológico e com o trabalho pastoral da Igreja, em sua aplicação pode-se incorrer em desconexões, traduzidas, por exemplo, na interpretação incompleta do mundo e em uma ação pastoral parcial, comprometendo a acolhida do evangelho. O método permite que a pastoral seja avaliada à luz das experiências e dos resultados. Atribuiu-se ao método pastoral ver-julgar-agir grande importância, enquanto se pode objetar, com base no evangelho, contra o alcance da práxis libertadora que ele efetivamente impulsiona.

Então se pergunta: qual o método pastoral eficaz para a Igreja latino-americana? Segundo Paulo Suess, diante de uma realidade de “vir a ser” como a da comunidade, será preciso um “ver novamente” (SUESS, 2003). Com efeito, teologia e pastoral, teorias e práticas, métodos e planos precisam de um constante “ver novamente”, tudo à luz de Cristo, do seu evangelho.

Em razão da inculturação do evangelho, tarefa da teologia e da pastoral, a presente discussão sobre método pastoral propõe que todas as teses apresentadas reivindiquem uma relação mais adequada entre teologia e pastoral, teoria e prática, evangelho e realidade, práticas teológicas e práticas pastorais, esforço racional e esforço operacional, conhecimentos científicos e saberes vividos, fé e vida. A investigação do método enriquece a teologia, a pastoral e todas as pessoas implicadas na vivência da fé e que participam das práticas eclesiais. **VP**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTOÉ, Adailton. *A arte de caminhar*. metodologia pastoral. São Paulo: Paulus, 2000.
- BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia pastoral: mística do discípulo missionário*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Valencia (Espanha): Siquem, 2006.
- _____. *Reconstruindo a esperança: como planejar a ação da Igreja em tempo de mudança*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus*. Ensaio de cristologia. Petrópolis: Vozes, 2015.
- COMBLIN, José. *História da teologia católica*. São Paulo: Herder, 1969.
- _____. Teologia e marxismo na América Latina: algumas considerações sobre o tema. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, jul. 1984.
- DEBIASI, Miguel. Ensaio para uma metodologia pastoral. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 47, n. 251, nov./dez., p. 13-17, 2006.
- HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWESTCH, Roberto E. (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal: EST, 2011a. p. 23-35.
- _____. Reflexões em torno do método da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWESTCH, Roberto E. (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal: EST, 2011b. p. 59-72.
- MARINS, José. *Metodologia emergente das comunidades eclesiais de base*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- SUESS, Paulo. A missão de Deus e a comunidade missionária: fundamentos, desdobramentos, compromissos. *REB*, Petrópolis, v. 252, p. 876-882, out. 2003.

Orientações para Ministros Extraordinários da Comunhão

Valter M. Goedert



Imagens meramente ilustrativas.

O livro tem uma preocupação bem pastoral, reunindo a experiência de quinze anos de cursos de formação para ministros extraordinários da sagrada comunhão. A partir da construção de um panorama histórico desse ministério, trata da celebração da eucaristia, do culto presidido por leigos, da pastoral dos enfermos e outros assuntos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

Jaldemir Vitório*

Da Lei de Moisés à justiça do Reino, na teologia de Mateus

*Pe. Jaldemir Vitório, sj, é doutor em Teologia pela PUC-Rio e professor de Teologia Bíblica na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), em Belo Horizonte-MG.
E-mail: jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br



A catequese de Mateus, escrita num contexto de conflito, contrapõe duas teologias. A primeira, defendida pelos escribas e fariseus, centra-se na Lei de Moisés e sua interpretação.

A segunda, presente no testemunho de Jesus, busca o querer original do Pai dos céus. A morte de cruz resultará dessa desavença. A ressurreição será a aprovação divina da teologia de Jesus.

As entrelinhas da catequese mateana são perpassadas por um conflito teológico. O evangelista, preocupado com a fé de sua comunidade, confronta um grupo de escribas e fariseus, ferrenhos na defesa da Lei de Moisés, continuamente reinterpretada para descobrir sempre novas exigências a serem impostas como vontade de Deus. Jesus denuncia esse equívoco, chamando de “tradição de vocês” (15,3.6) o que se considerava como querer divino. Indo além da formulação escrita, o Mestre se reporta diretamente a “meu Pai”, cuja vontade conhece de primeira mão, dispondo-se a obedecer a ela e ensiná-la aos discípulos. Certas concessões da Lei, como no caso do divórcio (cf. Dt 24,1), devem-se à “dureza do coração” de quem se diz religioso, pois “no princípio não era assim” (19,8). Princípio (*archê*) significa o desígnio original de Deus, anterior à Lei escrita, que Jesus conhece, mas seus opositores não. Portanto, a insistência no sentido literal da Lei torna-se secundária, em face do desafio de conhecer o pensamento divino e se guiar por ele.

1. UMA RELIGIÃO EQUIVOCADA

O evangelista descreve os escribas e os fariseus de forma negativa. O leitor-ouvinte deve estar atento para evitar generalizações, pois se trata de uma corrente no interior do movimento farisaico. Nem todo escriba e fariseu merecem ser chamados de hipócritas, como acontece na catequese mateana. O desvio de caráter (cf. 23,13-31) tem como desdobramento ensinarem uma coisa e fazerem outra, numa terrível incoerência (cf. 23,5-7). Não têm escrúpulos de tornar inválida a Lei quando a interpretam em seu próprio favor, contradizendo o espírito da Lei. Um caso típico refere-se à piedade filial. O Decálogo exige “honrar pai e mãe”, como penhor de bênçãos, com vida longa e prosperidade (cf. Ex 20,12; Dt 5,16). Pois bem, numa situação precisa, quando deviam acudir os pais, os escribas e os fariseus escapavam com perversa artimanha. Diziam ao pai ou à mãe: “A ajuda que eu lhe deveria dar foi consagrada a Deus” (15,5) e, assim, consideravam-se dispensados de entregar aos pais o que lhes pertencia. A prática do *qorban* (oferta a Deus), sinal de piedade, abre espaço para enorme injustiça para com as pessoas carentes, isentando de peso na consciência os praticantes de uma religião legalista.

“JESUS DENUNCIA A RELIGIÃO EQUIVOCADA DE SEUS PERSEGUIDORES, FEITA DE EXIBICIONISMO E EXTERIORIDADE.”

Os escribas aparecem no início da catequese mateana, sendo consultados por Herodes a respeito do nascimento de Jesus (2,4-6). Sabem informar, com precisão, onde nasceria o Messias, porém se dispensam de ir ao seu encontro. Esse descompasso entre saber e fazer será denunciado por Jesus ao advertir os discípulos sobre evitarem proceder como os escribas e os fariseus, “pois dizem, mas não fazem” (23,3). Na dinâmica do Reino, não basta dizer “Senhor, Senhor” para ser salvo; só será acolhido “aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus” (7,21). O Pai espera dos discípulos do Reino que tratem com misericórdia o próximo carente de cuidado (24,34-40).

A preocupação com as minúcias da Lei desvia os escribas e os fariseus do querer autêntico de Deus (23,23). Por conta disso é que querem saber como Jesus interpreta Dt 24,1: “É permitido divorciar-se da própria mulher por qualquer motivo?” (19,3); ou se “é certo ou não pagar o imposto a César” (22,17); ou “qual é o maior mandamento da Lei?” (22,36).

A esses tópicos de compreensão da Lei, somava-se a insistência em certas práticas da religião judaica, relativizadas por Jesus no trato com os discípulos. Entre elas, a questão do jejum, do repouso sabático e da pureza. Os discípulos de João Batista questionam Jesus: “Por que nós e os fariseus jejuamos tanto, e os teus discípulos não jejuam?” (19,14). Os fariseus se escandalizam ao verem os discípulos de Jesus “fazendo o que não é permitido no sábado”, quando “estavam com fome e começaram a arrancar espigas e

comê-las” (12,2). Os próprios escribas e os fariseus querem saber “por que os teus discípulos desobedecem à tradição dos antepassados? De fato, não lavam as mãos quando comem pão” (15,2).

Jesus denuncia a religião equivocada de seus perseguidores, feita de exibicionismo e exterioridade. Praticam “a justiça diante das pessoas, para serem vistos por elas” (6,1). Quando dão esmolas, mandam tocar trombeta “nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados” (6,1). Suas orações são feitas de pé, “nas sinagogas e esquinas das ruas, para serem vistos” (6,5). O jejum hipócrita leva-os a fazer “cara de tristeza”, “porque desfiguram o rosto, para verem que estão jejuando” (6,16).

O projeto religioso de Jesus combate a hipocrisia com a sinceridade. A esmola será dada com total discrição, para que “a sua mão esquerda não saiba o que a sua direita está fazendo, de modo que a sua esmola seja dada em segredo” (6,3-4). A oração se fará no escondimento. Daí a orientação: “Quando rezar, entre em seu quarto, feche a porta e reze a seu Pai que está em segredo. [...] Ao rezar, não fiquem repetindo palavras inutilmente, como fazem os gentios. Eles pensam que serão ouvidos por causa do exagero de palavras” (6,6-7). O jejum será feito com a cabeça perfumada e o rosto lavado, em segredo, para ser visto apenas pelo Pai (6,16-18).

2. EM BUSCA DA JUSTIÇA MAIOR

No confronto com a religião dos escribas e dos fariseus, Jesus ensina o cami-

CDS DO HINÁRIO LITÚRGICO

Na liturgia, não podemos dizer que tanto vale um cântico como outro; é necessário evitar a improvisação genérica e o canto deve integrar-se na forma própria da celebração (*Sacrosanctum Concilium*, 42). A coleção de **CDS do Hinário Litúrgico** traz os cantos selecionados pelas Comissões de Liturgia da CNBB, com cantos e melodias adequados para os tempos, dias, festas e ritos para o ciclo litúrgico dos anos A, B, C. **Confira!**

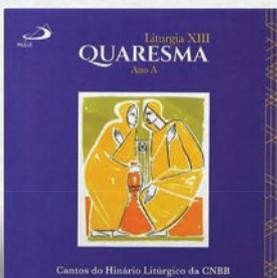
27 faixas



LITURGIA VI Tempo Comum | Ano A | 2º ao 19º DTC

Álbum de cantos para a primeira parte do Tempo Comum do Ano A (do 2º. ao 19º. domingo), levando às comunidades uma proposta de letras e melodias de qualidade para se cantar a Liturgia. Entre as faixas destacam-se “Toda a terra te adore”, “Bendito seja Deus” e “Vem, Senhor, vem curar”.

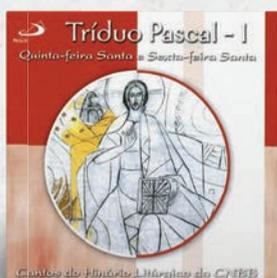
19 faixas



LITURGIA XIII Quaresma | Ano A

Álbum com 19 cantos, que contemplam desde a Quarta-Feira de Cinzas até o Domingo de Ramos, para serem utilizados nas celebrações eucarísticas. A interpretação é do grupo de solistas da PAULUS. A orquestração é do maestro Carlos Slivskin.

19 faixas



TRÍDUO PASCAL I Quinta-feira Santa e Sexta-feira Santa

Este CD compõe-se de 19 faixas, entre elas “Quanto a nós devemos gloriar-nos”, “Eu vos dou um novo mandamento”, “Hoje é festa, diz o povo” e “Eu me entrego, Senhor, em Tuas mãos”. A regência coral e a direção musical ficam sob os cuidados da irmã Custódia Maria Cardoso.

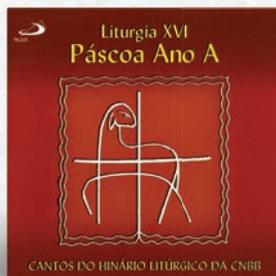
15 faixas



TRÍDUO PASCAL II Vigília Pascal

O CD *Tríduo Pascal II* é dedicado à celebração da Vigília Pascal e é composto de quinze faixas no total, entre elas “A luz de Cristo”, “Quando tu, Senhor”, “No princípio teu espírito” e “Celebremos nossa Páscoa”. A regência coral e a direção musical ficam sob os cuidados da irmã Custódia Maria Cardoso, responsável por conduzir oito sopranos e contraltos e quatro tenores e baixos.

18 faixas



LITURGIA XVI

Páscoa | Ano A

Sob a regência de Adenor Leonardo Terra, o Coral Nossa Senhora Aparecida interpreta, com maestria, dezoito cantos litúrgicos que contemplam todos os domingos da Páscoa próprios do Ano A. Os arranjos, teclados e produção musical são de Misael Passos Junior.

22 faixas



LITURGIA VII

Tempo Comum | Ano A | 20º ao 34º DTC

Composto por 22 cânticos, esse CD é interpretado pelo Coral Palestrina de Curitiba, sob a regência da Ir. Custódia Maria Cardoso, que já realizou vários projetos para a PAULUS Música, entre eles "Cantando na Escola", "Cantando o Novo Milênio" e "Maria, Mãe de Jesus".

10 faixas



LITURGIA IV

Advento | Ano A

Composto por 10 cânticos, este CD, interpretado pelo Coral Palestrina de Curitiba, sob a regência da Ir. Custódia Maria Cardoso, abrange os quatro domingos do Advento.

10 faixas



LITURGIA V

Natal

Com interpretação do Coral Palestrina da Arquidiocese de Curitiba, sob a regência da Ir. Custódia Maria Cardoso, esse CD traz cantos para o Tempo do Natal, entre os quais "Glória ao Senhor", "Nasceu-nos hoje um Menino" e "Aleluia, pois nós vimos sua estrela".

21 faixas



FESTAS LITÚRGICAS I

Primeiro CD de uma série de quatro volumes. Apresenta missas completas para as seguintes festas da Igreja: Solenidade da Santíssima Mãe de Deus, Apresentação do Senhor e Solenidade da Santíssima Trindade. A interpretação é do Coral Palestrina de Curitiba, sob regência da Ir. Custódia M. Cardoso.

21 faixas



FESTAS LITÚRGICAS II

Um subsídio para todos os cristãos celebrarem a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, a Natividade de São João Batista e a Festa de São Pedro e São Paulo. São 21 cantos com melodias bonitas de ouvir e fáceis de cantar.

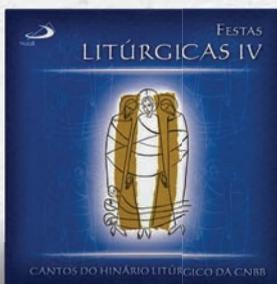
19 faixas



FESTAS LITÚRGICAS III

O terceiro disco da série oferece cantos para os católicos celebrarem importantes solenidades da Igreja, como a Festa da Assunção de Nossa Senhora, a Festa de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, e a Festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

20 faixas



FESTAS LITÚRGICAS IV

A Solenidade da Transfiguração do Senhor, a Exaltação da Santa Cruz, a Festa de Todos os Santos e a Comemoração dos Fiéis Defuntos são algumas das festas exaltadas pelos dezenove cantos do último CD da série. O coral, sob a regência da Ir. Custódia Maria Cardoso, interpreta as melodias com primor e emociona o ouvinte.

38 faixas



PARTES FIXAS Ordinário da Missa

O CD *Partes fixas – Ordinário da missa* oferece 38 cantos para a celebração eucarística, como “Senhor, que viestes salvar”, “Senhor, tende piedade de nós” e “Hino de Louvor”. Os arranjos, direção musical e teclados são do maestro Luiz Antonio Karam.

23 faixas

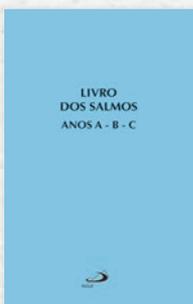


CANTOS DE ABERTURA E COMUNHÃO Tempo Comum | Anos A, B, C

Este álbum apresenta 13 cantos para abertura e 10 cantos de comunhão. A interpretação é do Coral Nossa Senhora Aparecida, sob regência de Adenor Leonardo Terra. Os arranjos e produção musical são do maestro Misael Passos Junior.

SUBSÍDIOS DE MÚSICA LITÚRGICA

249 páginas



Livro dos Salmos

Anos A - B - C

Pe. José Weber (org.)

Cantar os salmos com a Igreja: eis a proposta que este livro nos faz. Expressão orante do povo de Israel, os salmos tornaram-se a oração da Igreja que com Cristo reza ao Pai, no Espírito Santo. A renovação litúrgica tem nos incentivado a cantar a liturgia que celebramos, como maneira eficaz de participação consciente, ativa e frutuosa, nos santos mistérios.

103 páginas

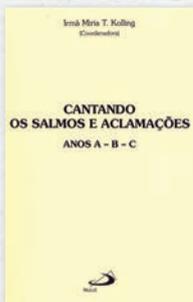


Música ritual e mistagogia

Ione Buyst e Joaquim Fonseca

Com a utilização do método mistagógico desenvolvido neste livro, os autores pretendem formar sobretudo os ministros e ministras do canto e da música para que, aos poucos, desenvolvam uma nova maneira de participação na ação litúrgica, deixando-se crescer espiritualmente enquanto entoam o “cântico novo” dos ressuscitados em Cristo.

324 páginas



Cantando os salmos e aclamações

Anos A - B - C | Livro de partituras

Irmã Míria T. Kolling (coord.)

Para ajudar e facilitar o trabalho dos agentes da pastoral litúrgico-musical, esse livro segue a sequência lógica dos tempos litúrgicos, ao longo de três anos, colocando, além do Salmo, a referência a cada Domingo. Esse trabalho contou com a valiosa colaboração de André Zamur, parceiro de Canto Pastoral com o povo nos últimos anos.

224 páginas



O que cantar no ciclo pascal: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal?

Joaquim Fonseca e Reginaldo Veloso

Um subsídio de formação litúrgico-musical para todo o povo de Deus, especialmente para as pessoas incumbidas de preparar as celebrações litúrgicas de nossas comunidades eclesiais. Cada canto é focalizado, a partir de sua “função ministerial”, nas principais celebrações da Quaresma, do Tríduo Pascal e do Tempo Pascal.

120 páginas



Os cantos da missa no seu enraizamento ritual

Joseph Gelineau

O canto é uma parte importante da missa. Mas nem todos os cantos têm o mesmo valor e a mesma função. Alguns destinam-se a acompanhar uma ação litúrgica, outros são parte integrante da própria ação litúrgica. O livro apresenta esses diversos casos e se dedica a todos eles, esclarecendo cada um dos tempos litúrgicos e momentos cantados da missa.

94 páginas



Quem canta?

O que cantar na liturgia?

Joaquim Fonseca, OFM

O livro reúne uma série de textos que buscam aprofundar a reflexão sobre a qualidade do canto e da música que devem ser utilizados na liturgia. Na primeira parte, trata do sentido teológico-litúrgico e espiritual dos ministérios litúrgico-musicais; na segunda, da função ministerial do canto e da música no culto cristão, além de alguns critérios básicos para a escolha do repertório litúrgico.

96 páginas

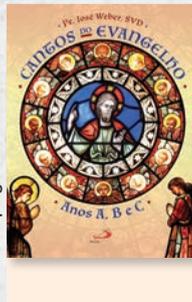


Cantando a missa e o ofício divino

Joaquim Fonseca, OFM

Este livro fornece subsídios para que os ministros da música litúrgica desempenhem de forma mais eficaz seu ministério na celebração litúrgica. É um auxílio para que as comunidades celebrem mais autêntica e frutuosa o mistério de nossa salvação.

234 páginas



Cantos do Evangelho

Anos A, B e C

Padre José Weber

Nesse volume o autor oferece um rico repertório para os três ciclos do Ano Litúrgico (A, B e C). As comunidades e os diversos grupos de cantores e instrumentistas encontrarão no repertório desse livro ótimas opções para que o canto da comunhão “expresse pela unidade das vozes a união espiritual daqueles que se aproximam à mesa da comunhão (Instrução Geral do Missal Romano, 86).

paulus.com.br/loja

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

  
@editorapaulus


PAULUS

nho para Deus, a ser encontrado mediante o esforço de sintonizar com o Pai do céu e seu projeto para a humanidade. Trata-se de verdadeira ética teológica chamada de “justiça do Reino”, correspondente à porta estreita e ao caminho apertado “que levam para a vida” (7,14). A catequese mateana, no seu conjunto, corresponde à apresentação dessa proposta de vida, segundo a qual o leitor-ouvinte se deixa conduzir pelo Mestre, como se refizesse os passos dos primeiros discípulos-missionários.

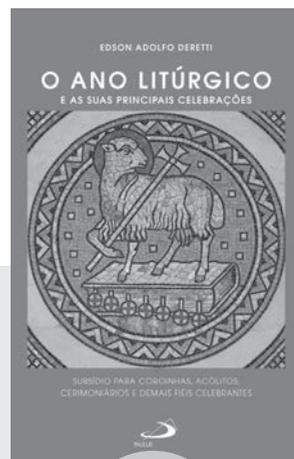
As bem-aventuranças ilustram, por variados ângulos, a identidade de quem se dispõe a percorrer esse caminho. A pobreza com Espírito, a tribulação, a mansidão, a fome e a sede de justiça, a misericórdia, a pureza de coração, a promoção da paz, a perseguição são todas indicativas da vida centrada em Deus e no próximo, com total transparência e sinceridade (5,2-10).

O discípulo do Reino pratica a Lei, como Jesus, com liberdade e grandeza de espírito (5,17-19). Uma palavra mortífera dita contra o irmão já se caracteriza como homicídio (5,22). O pensamento libidinoso, cultivado no coração, deve ser entendido como transgressão do mandamento de não cometer adultério (5,28). Por ser verdadeiro, o discípulo dispensa os juramentos, pois seu sim é sim, e o não é não (5,34-37). A lei de talião – “olho por olho, dente por dente” – cede lugar à resistência ativa em face da violência, à luz deste ensinamento: “Se alguém lhe bater na face direita, ofereça-lhe também a outra” (5,38-39). O ódio ao inimigo supera-se pela via do amor e da oração pelos perseguidores (5,43-44). Esse modo de proceder tem como referência o modo de agir do Pai. Daí a exortação: “Sejam perfeitos como é perfeito o Pai celeste” (5,48).

O ano litúrgico e as suas principais celebrações

Subsídio para coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais fiéis celebrantes

Edson Adolfo Deretti



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Este subsídio pretende oferecer aos leitores uma síntese bem fundamentada daquilo que lhes é essencial para, enquanto leigos e leigas, bem celebrarem os santos mistérios, ao longo de todo o ano litúrgico. Além dessa síntese doutrinal, apresenta uma parte específica destinada a coroinhas, acólitos, cerimoniários e demais membros de equipes de liturgia, com a explicação, passo a passo, de praticamente todas as celebrações que acontecem no ano litúrgico.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“SEM A CONFORMIDADE COM O PAI DOS CÉUS, A EXISTÊNCIA DE JESUS SE ESVAZIARIA E SE TORNARIA DESPROVIDA DE SENTIDO.”

A justiça do Reino abarca o discípulo em suas múltiplas relações e estabelece balizas para o modo correto de agir. A *relação com Deus* funda-se numa opção fundamental em consonância com a fé de Israel (cf. Dt 6,4): “Ninguém pode servir a dois senhores, pois odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro” (6,24). O absoluto de Deus e seu querer fundamentam o discipulado do Reino, como seu ponto de partida. Decorre daí a *relação com as criaturas*, que jamais ocuparão o lugar de Deus, livrando o discípulo de toda idolatria. Comer, beber, vestir-se e outras inquietações ocuparão lugar secundário no seu dia a dia, pois “o Pai de vocês que está nos céus sabe que vocês precisam de tudo isso” (6,32). O Mestre adverte os discípulos: “Busquem primeiro o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas ficarão garantidas para vocês” (6,33). O discípulo do Reino age com total liberdade no trato com os bens deste mundo. A *relação com o próximo* formula-se com uma máxima lapidar: “Façam às pessoas o mesmo que vocês desejam que elas façam a vocês” (7,12). Exclui-se do discipulado toda ação prejudicial ao próximo, bem como a tentação de se comportar como juiz dos outros: “Não julguem, para não serem julgados. Pois vocês serão julgados com o julgamento com que julgarem, e serão medidos com a medida com que medirem” (7,1-2). No trato com o semelhante, seja visado apenas o bem, o que lhe for favorável. Por fim, na *relação consigo mesmo*, propõe-se ao discípulo deixar-se iluminar pela luz de Deus, para

banir de seu íntimo toda má intenção: “A lâmpada do corpo é o olho. Portanto, se o seu olho for bom, seu corpo inteiro ficará iluminado. Porém, se o seu olho for ruim, seu corpo inteiro ficará escuro” (6,22). Entende-se, assim, por que “todo aquele que olhar para uma mulher, coibçando-a, já cometeu adultério com ela no coração” (5,29).

3. A JUSTIÇA DO REINO NA VIDA DE JESUS

O projeto de vida tecido com os valores do Reino de Deus, proposto aos discípulos, foi encarnado na vida do Mestre. Diferentemente dos escribas e dos fariseus, Jesus respaldava seus ensinamentos com um modo de proceder afinado com suas palavras. Todo seu agir trazia a marca da fidelidade ao Pai. Por isso, identificou na sugestão de Pedro a presença do tentador, ao desejar que jamais lhe sucedesse qualquer forma de sofrimento. Dando mostras de impaciência, exortou o discípulo: “Vá para trás de mim, Satanás! Você é para mim uma pedra de tropeço, porque não pensa nas coisas de Deus, e sim nas coisas dos homens” (16,23). Sem a conformidade com o Pai dos céus, a existência de Jesus se esvaziaria e se tornaria desprovida de sentido. A fidelidade e a obediência ao Pai se mantiveram intactas até o fim da vida, a ponto de a iníqua morte de cruz não ter despertado em seu coração o desejo de ódio e de vingança em relação aos carrascos, tampouco ressentimento contra o Pai por não o ter socorrido.

A liberdade de Jesus em relação às criaturas revela-se na escolha da pobreza

como estilo de vida. Quando um mestre da Lei se aproxima, dispondo-se a segui-lo para onde fosse, Jesus o chama à realidade com uma metáfora contundente: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (8,20). A experiência de despojamento se refletirá no testemunho dos discípulos, ao anunciarem o evangelho a todas as criaturas (cf. 28,19). O Mestre adverte-os: “Não levem ouro, nem prata, nem cobre em seus bolsos, nem bolsa para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão” (10,9-10).

Entretanto, os discípulos parecem não ter compreendido esse alerta. Pedro lhe pergunta: “Nós deixamos tudo e te seguimos. O que receberemos?” (19,27). Entrevê-se, aqui, a presença de segunda intenção na opção pela pobreza proposta pelo Mestre. A resposta comporta um enigma: “Quem tiver deixado casas ou irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou terras, por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá como herança a vida eterna” (19,29). A vida eterna como herança pode ser de fácil compreensão, mas o cêntuplo torna-se irreal no seguimento de um Mestre crucificado na mais total indignidade, pois, “depois de crucificar Jesus, [os soldados] repartiram suas roupas, tirando a sorte” (27,35).

A misericórdia foi o traço marcante da relação de Jesus com o próximo, com foco nos empobrecidos, nos marginalizados e nos sofredores. A dupla citação de Os 6,6: “Quero misericórdia, e não sacrifício”, ao ser criticado pelos fariseus por comer “com os publicanos e os pecadores” (9,10-13) e ao permitir aos discípulos violar a Lei do repouso sabático para matarem a fome (cf. 12,1-8), direciona o seu agir. Quando contemplou as multidões, “encheu-se de compaixão por

Celebração da Palavra de Deus

Subsídio para as comunidades

Autor: CNBB



184 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Há alguns anos, a Dimensão litúrgica da CNBB vem trabalhando o tema das celebrações dominicais da Palavra de Deus. Após realização de pesquisa, constatou-se que esta é uma das formas celebrativas mais frequentes. Este pequeno subsídio foi elaborado para ajudar as equipes de liturgia das comunidades e aqueles que presidem as celebrações da Palavra.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“A MISERICÓRDIA FOI O TRAÇO MARCANTE DA RELAÇÃO DE JESUS COM O PRÓXIMO, COM FOCO NOS EMPOBRECIDOS, NOS MARGINALIZADOS E NOS SOFREDORES.”

elas, porque estavam angustiadas e abandonadas, como ovelhas que não têm pastor” (9,36). Estando num lugar “deserto e afastado”, uma grande multidão foi encontrá-lo; então, “encheu-se de compaixão por ela e curou os doentes” (14,14). Dois cegos imploram-lhe misericórdia e são prontamente atendidos (cf. 9,27-31; 20,29-34). Da mesma forma, uma mulher cananea, ansiosa pela cura da filha “terrivelmente endemoninhada”, recebe a graça (15,21-28), bem como o pai de um menino epilético (cf. 17,14-18). Em face da humanidade sofredora, Jesus “enche-se de compaixão” (20,34) e se lança em ação.

Quando censurou a hipocrisia dos escribas e dos fariseus, Jesus denunciou-os por privilegiarem coisas secundárias e desprezarem “as coisas mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (23,23). O Mestre pautava-se pela misericórdia, inspirado no Pai em seu amor pela humanidade (cf. 5,45).

A declaração: “Aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração” (11,29) revela o íntimo de Jesus. Repudiando os escribas e os fariseus hipócritas, que “amarram fardos pesados e os impõem nos ombros das pessoas, mas não estão dispostos a movê-los nem sequer com um dedo” (23,4) – sintoma de falsidade, de segundas intenções, de malícia –, o Mestre segue na direção contrária, ao propor um caminho alternativo para Deus: “Minha carga é suave e meu fardo é leve” (11,30) são palavras que expressam a bondade de quem se faz solidário com os descartados pela religião legalista e inclemente.

A cena da entrada no Templo e da expulsão dos vendedores e compradores, derrubando as mesas dos cambistas e as bancas dos vendedores de pombas (cf. 21,12), pode ser entendida como descontrole emocional do Mestre. O leitor-ouvinte da catequese mateana tem elementos para compreender que o Mestre está denunciando profeticamente uma falta de extrema gravidade: a deturpação da religião, em conivência com a exploração da boa-fé dos fiéis e com a ganância dos sacerdotes e seus protegidos, que se enriqueciam à custa da religião. A eventual ira de Jesus justifica-se como defesa da imagem de Deus, comprometida com o Templo, “transformado em abrigo de ladrões” (21,13). Outro motivo de irritação seriam os onipresentes escribas e fariseus, sempre à espreita para pegá-lo em alguma palavra (cf. 19,3; 22,15.35).

No trato com essa gente, valia a orientação dada aos discípulos em missão: “Eis que envio vocês como ovelhas no meio de lobos. Por isso, sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (10,16). O trato com pessoas mal-intencionadas exigia de Jesus extremo discernimento para não cair em armadilhas. Pelo contrário, quando se encontrava com “os doentes, sofrendo com diversas enfermidades e dores, os endemoninhados, epiléticos e paralíticos” (4,24), desdobrava-se em compaixão, que lhe jorrava do coração como força capaz de curar e fazer o bem, chamada no evangelho de *exousia*, poder, autoridade (cf. 7,29; 9,8; 28,18). Esse poder foi dado aos discípulos enviados em missão (cf. 10,1). Os inimigos querem saber de onde vem tal

poder (cf. 21,23). Porém, Jesus os mantém na dúvida (cf. 21,27), por não se deixarem questionar em sua visão equivocada de Deus e da religião. Seria inútil corrigir uma teologia enviesada, quando seus adeptos se sentiam confirmados nesse desvio religioso.

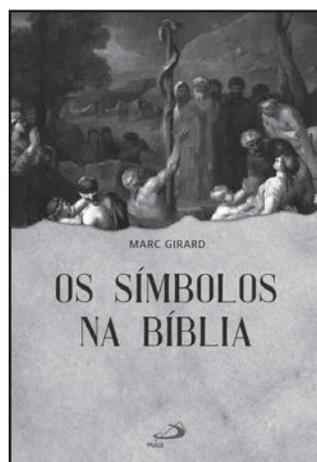
4. A FRÁGIL SEMENTE SOB O OLHAR DO PAI DOS CÉUS

Perseguição e morte são temas recorrentes na catequese mateana. Recém-nascido, Jesus desperta a ira do cruel Herodes, temeroso com “o rei dos judeus” procurado pelos magos, um risco para seu reino. O rei “e Jerusalém toda com ele” ficaram abalados (2,3). Tendo sido ludibriado pelos magos, “Herodes ficou furioso e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus territórios, de dois anos para baixo” (2,16). Jesus foi salvo pela intervenção divina (cf. 2,13). A volta do Egito deu-se em meio a inseguranças. Apesar de terem morrido “aqueles que procuravam matar o menino” (2,20), o ímpio “Arquelau reinava na Judeia em lugar de seu pai Herodes” (2,22). Na lista das bem-aventuranças, consta a bem-aventurança da perseguição (cf. 5,10-12). Os discípulos enviados em missão deveriam contar com toda sorte de sofrimentos (cf. 10,17-23). O destino do discípulo será semelhante ao do Mestre (cf. 10,25), cuja morte foi decretada pelos fariseus, incomodados com a liberdade religiosa com que atuava (cf. 12,14). Até os familiares de Nazaré se indisputaram contra ele (cf. 13,53-57). A recordação detalhada da morte de João Batista antecipa para o leitor-ouvinte a morte do Mestre (cf. 14,1-12).

Os três anúncios da paixão fazem ecoar os acontecimentos da vida de Jesus ao longo de seu ministério, prevenindo o leitor-ouvinte do desfecho de sua

Os símbolos na Bíblia

Marc Girard



816 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O autor, que reflete sobre os grandes símbolos há cerca de vinte anos, abre um caminho original para um novo tipo de teologia bíblica. Em pleno contexto de modernidade e de explosão cultural, o teólogo encontrará muitas pistas para renovar a explicação do dado revelado. Mesmo leitores não cristãos, mas interessados em simbolismo por algum outro motivo, descobrirão afinidades insuspeitas com as grandes linhas de expressão traçadas pela Bíblia.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“O SOFRIMENTO E A PERSEGUIÇÃO FAZEM PARTE DO PROJETO DE VIDA DE JESUS, TODO CENTRADO NO QUERER ORIGINÁRIO DO PAI, SINTETIZADO NA EXPRESSÃO REINO DOS CÉUS.”

caminhada e da palavra definitiva do Pai: a ressurreição (cf. 16,21-23; 17,22-23; 20,17-19).

Quando Pedro se recusa a admitir a possibilidade de o Mestre sofrer, recebe tremenda repreensão: “Vá para trás de mim, Satanás! Você é para mim uma pedra de tropeço” (16,23). O sofrimento e a perseguição fazem parte do projeto de vida de Jesus, todo centrado no querer originário do Pai, sintetizado na expressão *Reino dos Céus*.

A paixão e a morte de cruz correspondem ao confronto definitivo de Jesus e de sua fidelidade ao Pai dos céus – num caminho superior ao da religião de seu tempo – com a liderança do Templo de Jerusalém, decidida a defender a religião pautada pela Lei (cf. 26,3). Chegaram a pactuar com um dos discípulos, Judas Iscariotes, uma soma em dinheiro para que ele entregasse o Mestre (cf. 26,14-16). Os dois julgamentos, no tribunal religioso (cf. 26,57-68) e no tribunal civil (cf. 27,11-26), constituíram um jogo de cartas marcadas, com a sentença de morte precedendo ao julgamento.

A morte de cruz, escolhida a dedo pelos inimigos de Jesus, comportava terríveis evocações e tinha o objetivo de desmoralizá-lo totalmente (cf. 27,32-56). A crucifixão, na concepção religiosa, sinalizava a maldição divina, de acordo com a Lei: “Quem morre pendurado é amaldiçoado por Deus” (Dt 21,23). Outros sinais de punição divina eram o fato de morrer jovem, pobre e sem deixar descendência. A contemplação de Jesus

crucificado não dava margem a dúvidas, numa leitura superficial: até Deus, a quem chamava de Pai, desaprovou seu projeto de vida. Resultado: tudo quanto ensinara tornava-se suspeito. Seria o castigo por ter desrespeitado a Lei de Moisés!

A ressurreição de Jesus permite compreender a paixão e a morte de cruz em outra perspectiva. A extrema fidelidade ao Pai dos céus, demonstrada ao longo de seu ministério, não poderia desembocar no destino dos ímpios.

As declarações do anjo às mulheres que foram ao túmulo apontam nessa direção: “Ele não está aqui, foi ressuscitado!” (28,6) ou “Ele foi ressuscitado dos mortos” (28,7). Sublinha-se a ação do Pai na vida do Filho com o uso da voz passiva no texto grego. Se os inimigos lançaram Jesus na mansão dos mortos, o Pai o resgatou e o trouxe para junto de si, na mansão dos vivos. Assim, a religião dos hipócritas legalistas fica desacreditada, privada do aval divino. A justiça do Reino, sim, anunciada e vivida por Jesus, corresponde ao autêntico caminho para o Pai.

Os discípulos foram enviados ao mundo inteiro com a tarefa de propor esse projeto de vida a todas as nações (cf. 28,16-19). Aderir a Jesus pelo batismo exige superar um estilo de religião centrada num legalismo vazio e abraçar a vontade divina (cf. 6,10), encarnada na solidariedade misericordiosa com os desvalidos, único caminho para alcançar a comunhão definitiva com o Pai dos céus (cf. 25,34).

VP



ROTEIROS HOMILÉTICOS

Luiz Alexandre Solano Rossi*

1º DOMINGO DA QUARESMA

1º de março

A atualidade do evangelho de Jesus Cristo

I. INTRODUÇÃO GERAL

Há dois projetos de vida que poderiam ser assim resumidos: um projeto que é proposto para ser feito com Jesus Cristo e outro sem ele. Seguir Jesus é preencher a vida com sentido e finalidade. É permitir que a vida dele seja o modelo fundamental para o bem viver. Nesse sentido, a presença de Jesus recupera a dignidade perdida do ser humano e o leva a percorrer o verdadeiro caminho. Um caminho em que se procura e pratica a justiça, e não a concentração de poder para o domínio do outro; procura-se e pratica-se o serviço que atenda às necessidades dos outros, e não a construção do desejo individualista e narcisista que impede de ser solidário.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Gn 2,7-9; 3,1-7

Na primeira leitura, encontramos Deus e sua ação descritos por meio de dupla imagem: ele é, ao mesmo tempo, oleiro e

agricultor. A imagem do oleiro é razoavelmente comum no Antigo Testamento, como podemos observar em Is 29,16, 45,9 e 64,7 e em Jr 18,1-9. O homem é modelado desde o pó e recebe, da parte de Deus, um sopro de vida. Somente a partir do momento em que Deus sopra sobre o “modelo de um homem” é que ele se torna um ser vivente. O inanimado se torna animado somente pela intervenção divina. Não existe vida fora de Deus, e toda vida que existe foi criada por ele. Deus agricultor também planta um jardim para ali colocar o homem recém-criado. Homem e jardim se relacionam. Talvez possamos pensar que um deva ser extensão do outro. No jardim, que produz vida também somente pela intervenção de Deus, brotam árvores agradáveis de ver, por causa de sua estética, e capazes de alimentar o homem. Tudo parece harmonioso, até o momento em que a crise surge e se instala. A crise, nessa narrativa de forte carga mitológica, recebe o nome de serpente. A serpente simboliza aquilo que pode dividir as relações de solidariedade até então existentes. Sabe-se que, em Canã e em Israel, a serpente legitimava a concentração de poder nas mãos do rei e, no Egito, sua imagem estava presente na tiara do

*Luiz Alexandre Solano Rossi é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutor em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary (Califórnia, EUA). É professor no programa de Mestrado e Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Publicou diversos livros, a maioria pela PAULUS, entre os quais: *A falsa religião e a amizade enganadora: o livro de Jó*; *Como ler o livro de Jeremias*; *Como ler o livro de Abdias*; *Como ler o livro de Joel*; *Como ler o livro de Zacarias*; *Como ler o livro das Lamentações*; *A arte de viver e ser feliz*; *Deus se revela em gestos de solidariedade*; *A origem do sofrimento do pobre*. E-mail: luizalexandrorossi@yahoo.com.br



faraó, simbolizando o olho do deus Sol. A concentração de poder nas mãos de uns poucos significava, para todos os outros, opressão, violência e destruição de todos os laços de solidariedade. A serpente, portanto, representava outra lógica. Assim, no jardim é possível construir relações sociais marcadas tanto pela solidariedade como pelo interesse pessoal, que conduz ao acúmulo de poder para a dominação e subjugação do outro.

2. II leitura: Rm 5,12-19

O apóstolo Paulo propõe, na segunda leitura, dois modelos para pensarmos a respeito da vida: Adão e Jesus. Eles representam realidades muito contrastantes. Se Adão representa a morte, Jesus representa a vida. Se Adão representa o pecado, Jesus representa a graça. Se Adão representa a lei, Jesus representa a liberdade. Se, de um lado, encontramos a falência do ser humano, representado simbolicamente por Adão, do outro, encontramos a plena humanidade, representada por Jesus. Paulo é sábio ao escolher as palavras de seu texto. A falta ocasionada por Adão é comparada ao esvaziamento do ser humano. Esvazia-se de si mesmo, assim como se encontra esvaziado de Deus. Caminha sem sentido, sem conteúdo, sem “recheio”. Caminha como se não tivesse lugar para chegar. Todavia, para Paulo, o dom se manifesta como abundância – “com muito maior abundância a graça de Deus e o dom gratuito de um só homem, Jesus” (v. 15). O vazio é preenchido de sentido, o desespero é preenchido com esperança. Se a falta representa a condenação, a obra de justiça realizada por Jesus representa a plenitude da vida. O objetivo de tudo é que todos se tornem justos, assim como Jesus praticou a justiça.

3. Evangelho: Mt 4,1-11

Jesus também viveu seu deserto existencial. No entanto, a leitura do evange-

lho deixa bastante claro que o tentador se aproxima de Jesus depois que este jejua 40 dias e 40 noites. Não há como evitar os desertos da vida, assim como não se pode vivê-los sem preparação. O tentador não encontra Jesus despreparado, desfocado e pensando que fosse uma vítima da situação. E Jesus, após 40 dias, sente fome. Está fraco fisicamente, mas não espiritualmente. Ele não perde a real dimensão de quem é e de qual é a sua missão. Aproveitando-se da aparente fraqueza de Jesus, o tentador o provoca por três vezes. Tentações que abalariam qualquer pessoa, tanto ontem quanto hoje. As três tentações podem ser compreendidas como aquela de satisfazer uma necessidade básica – como a fome –, passando pela tentação de desejo de poder até chegar à tentação de produzir segurança religiosa. A fraqueza física de Jesus não é impedimento para que se lembre do projeto e da vontade de Deus. Por isso, a cada tentação, ele responde com a palavra de Deus – “está escrito” –, revelando, muito possivelmente, que vivia para realizar a vontade de Deus. As tentações mostram os limites próprios do ser humano. Limites que são muito fáceis de ser ultrapassados, porque levam à consequência final das tentações, ou seja, ao exercício do poder como violência. Jesus, sendo tentado no deserto, não reduz o “mundo” a si mesmo. Ele não age para assegurar seus presumidos privilégios. Dispensa a síndrome de Narciso. Nele não há espaço para cultivar o egoísmo, e, por conta disso, o tentador é sumariamente vencido.

A tentação no deserto é forte desafio para Jesus e sinaliza que sua vida e ministério serão marcados por conflitos que o levarão até a morte de cruz. Afinal, ele nem iniciou sua missão e já se vê confrontado com as forças do mal. Todavia, mesmo na tenebrosa noite escura da alma – manifestada pelo deserto e pelo



confronto –, a presença de Deus se faz sentir: Deus está presente e cuida dele. O confronto com Satanás deve ser compreendido como um confronto com o adversário (que é o significado do termo no livro de Jó 1,6). Os 40 dias passados no deserto lembram, certamente, Israel no passado (cf. Ex 17,1-7) e as grandes experiências de provação na origem do povo de Deus, a saber: o dilúvio, a caminhada pelo deserto, a opressão pelos filisteus, os 40 dias que Moisés passou na montanha, os 40 dias que o profeta Elias passou caminhando pelo deserto. Jesus de maneira alguma foge dos conflitos. Estes precisam ser resolvidos, e Jesus está disposto a resolvê-los. E os conflitos aumentam.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) A tentação no deserto é um grande desafio para Jesus, principalmente porque é uma situação associada a conflitos. Todavia, Jesus não foge ao conflito. Faz o caminho do deserto a fim de que os conflitos não se instalem em seu interior. Desertos pessoais são inevitáveis. A maneira como os enfrentamos e saímos deles, vitoriosos ou derrotados, depende de nossas posturas. Assim, em todo deserto há também uma saída que deve ser trilhada.

2) Como seria possível construir relações sociais marcadas pela solidariedade? Apresentemos exemplos.

2º DOMINGO DA QUARESMA

8 de março

Invertendo a lógica do triunfo

I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus fala e chama a cada um dos homens e mulheres para viver novo projeto de vida. Trata-se, sem dúvida, de verdadeiro desafio, que exige que a pessoa se desacomode, saia de sua zona de

Bandidos, profetas e Messias

Movimentos populares no tempo de Jesus

Richard A. Horsley e John S. Hanson



232 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro estuda os movimentos populares no tempo de Jesus (banditismo social, pretendentes reais, movimentos messiânicos populares, profetas, sicários, zelotas etc.), lançando novas luzes sobre a realidade social da Palestina do primeiro século.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



conforto e caminhe sempre com Deus e em direção ao outro. Não vivemos isolados em ilhas. Somos seres relacionais e, do ponto de vista cristão, vivemos em comunidades. Tudo leva a considerar o outro como alguém que possibilita o diálogo: falamos e ouvimos a fim de construir verdadeira humanidade.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Gn 12,1-4a

Deus nos fala! Não há dúvida quanto a isso. Contudo, entre seus muitos conteúdos, certamente estão aqueles que dizem respeito à responsabilidade, desafios e missões que nos esperam. Muitos de nós desenvolvemos uma espécie de “ouvido seletivo”, ou seja, escutamos tão somente o que desejamos ouvir. Prestamos atenção apenas nos anúncios de Deus que tenham relação com o fato de recebermos alguma coisa.

No entanto, temos um Deus que nos desafia a dar passos de fé e pela fé. Abraão escuta exatamente isto: “Saia de sua terra” – de seus espaços de conveniência, de sua zona de conforto, e vá para uma terra que ainda irei lhe mostrar. O desafio é para que ele dê passos além daqueles que já havia dado. Abraão deveria sair do lugar-comum e romper com aquilo que possuía e com as fronteiras que o impediam de caminhar.

O desafio de Deus significa desacomodação. Implica ruptura e separação. Mostra-nos que não devemos viver e permanecer como que limitados àquilo que somos e temos. Sempre há a necessidade imperiosa de dar um passo a mais, de caminhar um pouco mais. Nisto, porém, reside um dos nossos maiores problemas: passamos muito tempo acomodados. Muitas vezes pensamos que a melhor posição que poderíamos ter seria a acomodação. Por causa disso, não aprovamos a

atitude de Deus quando procura romper com nossas zonas de conforto. Até Deus pode passar dos limites, pensamos!

O Deus de Abraão, porém, impede que fiquemos bem acomodados e instalados. Ele provoca Abraão para que se desacomode e caminhe dentro dos passos propostos pelo próprio Deus. A experiência de Abraão nos coloca diante de um Deus de ação. Um Deus que nos leva a permanecer em pé e a dar passos firmes em direção a um amanhã que ele mesmo garante.

Saia de sua terra e vá para onde lhe mostrarei. Não precisamos ter medo, pois o mapa está nas mãos de Deus. No chamado divino existe a promessa de que não caminharemos sozinhos. Tornamo-nos peregrinos pelas estradas deste mundo. Devemos compreender, todavia, que Deus também se torna peregrino conosco. Ele nos acompanha. Não poderíamos ter companhia melhor. Quando Deus pede que Abraão saia, ele se dispõe a fazer o mesmo caminho.

Abraão parte com novo programa de vida! A obscuridade do destino contrasta com a clareza do que ele deve abandonar. A terra para a qual deve seguir não é sequer nomeada. Abraão, no entanto, está firme. Sabe ouvir e sabe responder. Sabe que cada chamado para uma nova missão implica deixar para trás o que é conhecido e dá segurança a fim de lançar-se no desconhecido. Recusar os riscos do desafio de Deus significaria, para Abraão, o mesmo que permanecer no mesmo lugar e, o que é pior, do mesmo tamanho. Assumi-los, por sua vez, abriria a possibilidade de novos e inesperados horizontes. Abraão percebe que existem certas coisas que somente Deus pode fazer. É pura graça dele derramada sobre seus filhos e filhas. A ação é exclusiva – “eu farei”, “eu abençoarei”, “eu tornarei” – do Deus que caminha junto a nós. Não podemos



nos esquecer desta verdade fundamental: Deus é a fonte de todo bem! Por que, então, por vezes, teimamos em procurar água pura e cristalina em outras e estranhas fontes?

No relato da torre de Babel, por exemplo, constatamos justamente o contrário: são as pessoas que desejam, por todos os modos, construir uma torre altíssima para perpetuar o próprio nome. É uma das representações dos projetos humanos feitos à revelia de Deus. Todavia, esse projeto da humanidade em Babel resultou em confusão, em dispersão e em antividia (cf. Gn 11,9). Em Abraão, diferentemente, encontramos um projeto de vida. Deus promete que ele se tornará uma fonte de bênção para a humanidade. Abraão não constrói a partir de si mesmo a bênção; ele é abençoado. Babel dessa forma está, em Abraão, verdadeiramente neutralizada! É Deus que faz, que fala, que abençoa, que nos constrói como seres humanos. O que as pessoas querem realizar por si mesmas e para si mesmas, Deus fará para Abraão. A ação é sempre dele. Quando nos propomos caminhar, ele não nos deixa sozinhos e nos abençoa tremendamente.

Abraão nos ensina que o projeto de Deus é coletivo. Um projeto que tem relação com a reunião e a unidade das pessoas. Não é um projeto para aconchegar nosso individualismo, para que ele viva sossegado em seu canto. A ação de Deus sobre nós é para que cada um de nós se torne também uma bênção para todos os outros. Trata-se de um sim fundamental à solidariedade. Cada um de nós precisa se ver apenas como instrumento da bênção de Deus. Ele nos abençoa não para que sejamos proprietários definitivos da bênção dele, mas para que tenhamos condições de abençoar as pessoas com as quais convivemos.

Em Deus não há o projeto do egoísmo, mas o primado da partilha. Aquilo que

As parábolas de Jesus

Joachim Jeremias



248 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Com suas parábolas, Jesus falou a homens de carne e sangue, a partir do momento para o momento. Cada uma delas tem um lugar histórico determinado na sua vida. Tentar reobtê-lo: eis a tarefa desta obra. O que Jesus quis dizer nesta ou naquela hora determinada? Como sua palavra repercutiu sobre os ouvintes? O livro analisa essas questões para, tanto quanto possível, chegar ao sentido original das parábolas de Jesus.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



ele nos concede não é apenas para nós. A ação abençoadora de Deus sobre nós acontece para que nos tornemos fonte inesgotável de bênçãos para todos os outros. Às vezes, porém, invertemos a maneira de compreendermos a experiência de Abraão: focamos apenas nas bênçãos que recebeu e constatamos que ele era um privilegiado. Esquecemo-nos de que seu privilégio era, de fato, alcançar outras pessoas a partir do que havia recebido. A grandeza de Abraão não consistia em sua força militar, política ou ainda econômica. Sua grandeza, na verdade, manifestava-se no Deus grande que caminhava ao seu lado.

2. II leitura: 2Tm 1,8b-10

Há em Deus um plano cheio de graça. Por isso, a graça, compreendida como favor imerecido, é concedida a todas as pessoas. Não há necessidade, diz a leitura, de obras próprias ou, ainda, de um projeto pessoal bem construído. A percepção de que Jesus deve ser considerado tudo em todos é por demais importante. Nele, por ele e para ele são todas as coisas. Nesse sentido, Jesus é suficiente para a salvação do ser humano. O ser humano não é “autossalvador”, ou seja, não consegue salvar a si mesmo. A ação de salvação, sempre e necessariamente, pressupõe a ação de Deus.

3. Evangelho: Mt 17,1-9

Na transfiguração relatada no Evangelho de Mateus, a passagem-chave é a exortação dirigida aos três discípulos: Pedro, Tiago e João. Uma expressão/exortação que do passado reverbera com força, atravessando tempo e espaço, e nos alcançando com igual intensidade: “Escutai-o”. Na Quaresma se faz necessário abrir os ouvidos para escutar com verdadeira atenção. Não se fazem discípulos

que fecham os ouvidos às palavras de seu mestre. Todo discípulo é primeiramente, de fato e de verdade, um ouvinte. Todavia, é necessário também ouvir os outros. Não vivemos isolados em ilhas. Somos seres relacionais e, do ponto de vista cristão, vivemos em comunidades. Tudo leva a considerar o outro como alguém que possibilita o diálogo: falamos e ouvimos a fim de construir verdadeira humanidade. Temos grande facilidade de ouvir os meios de comunicação, discursos os mais diversos, até mesmo alguma música. Não temos, porém, a mesma facilidade para escutar alguém. Uma multidão de sons pode povoar nosso interior, desde que não sobre espaço aos sons de irmãos e de irmãs. Transformamo-nos em consumidores de ruídos e, negando os sons da fraternidade, esvaziamo-nos de nós mesmos. Escutar Jesus dentro de nossos próprios contextos é o maior dos nossos desafios. Acolher a palavra de Jesus requer tempo e qualidade de tempo. Caso contrário, corremos o risco de confundir os ruídos do cotidiano com a voz do nosso Mestre.

Jesus sobe à montanha para viver uma experiência inusitada. Lá, diante dos olhos estarecidos dos três discípulos, transfigura-se. Suas vestes são mudadas e passam a se parecer com aquelas dos mártires (cf. Ap 3,15-18). No entanto, para além da transfiguração, aparecem também Elias e Moisés. A presença deles vem confirmar o caminho de Jesus na direção do conflito final. Tal presença aponta que a missão do Mestre não é marcada pela neutralidade. Contrariamente a essa percepção, sua vida transcorre num caminho marcado pelo conflito e, no conflito, assume uma posição de solidariedade às vítimas que o conduzirá inevitavelmente à morte. Todavia, a missão de Jesus não era a mesma de Pedro. Quantas e quantas vezes nossas visões e interesses se distanciam do



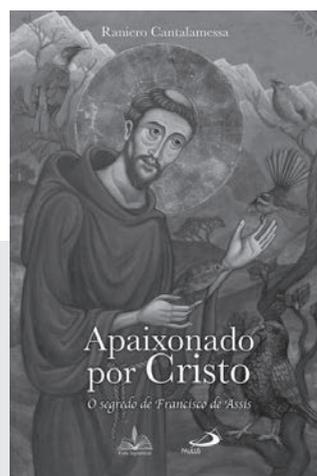
projeto de Jesus? Pedro, diante da experiência fantástica, pensa que o alto da montanha é o melhor lugar para permanecer. Sente o desejo de fazer tendas, estabelecer-se ali mesmo e vivenciar a vida cristã como se fosse um eterno retiro, longe do barulho das pessoas, das cidades e vilas. Um ambiente ideal para viver de contemplação. Ele, porém, ouvia tão somente a própria voz. Tinha um projeto pessoal que se distanciava muitíssimamente do projeto de Jesus. Quando ouvimos a própria voz, deixamos de ouvir a voz de Deus. Nesse sentido, os ruídos que nos atrapalham não são somente externos, mas também internos.

Descer a montanha será, para os discípulos, muito mais difícil do que subir. Eles se acostuariam facilmente com a zona de conforto proporcionada pela experiência religiosa e da experiência ficariam reféns. Transformariam a vida de Cristo numa experiência intimista e desconectada da realidade conflituosa. Entretanto, fazia-se necessário descer a montanha. É justamente em meio ao povo que se vive e se faz missão. Jesus bem sabia que a boa notícia não poderia ficar escondida. Descer a montanha traz o sentido de fazer o caminho para dentro da realidade. Toda a mensagem de Jesus nasce da realidade política, social, econômica e religiosa. Ele jamais nega a realidade, pois vive para transformá-la. Nesse caso, o cotidiano é o espaço privilegiado da sua atuação. Ele podia, até mesmo, por breves momentos, subir montanhas. Suas raízes e missão se encontravam, contudo, no meio do povo. Pedro, como porta-voz de seus companheiros, é apresentado como carente de inteligência. Ele traz no coração o desejo de reter permanentemente a revelação da glória celeste. Pode-se dizer que, na perspectiva humana, esse é um desejo compreensível, mas se

Apaixonado por Cristo

O segredo de Francisco de Assis

Raniero Cantalamessa



64 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

É notável a pergunta que Frei Masseo dirigiu um dia, à queima-roupa, a Francisco: “Por que todos vão a ti? Por que todos te seguem?”. A questão se põe hoje com mais razões do que outrora, porque o mundo que segue o santo não é mais como nos tempos de Frei Masseo, aquele pequeno mundo da região central da Itália; é, literalmente, todo o mundo, incluindo muitos não crentes ou crentes de outras religiões.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



contrapõe ao chamado dos discípulos ao seguimento de Jesus pelo caminho da cruz. Eles experimentam uma antecipação da bem-aventurança celestial e por isso dizem: “É bom estarmos aqui” (v. 4). Pedro pensava segundo a perspectiva do triunfo. Imaginava um Cristo vitorioso para vitoriosos. A lógica da vitória impedia o apóstolo de se ver adequadamente e, por isso, sua proposta parecia querer desviar Jesus de seu trajeto de solidariedade com as vítimas da história. Jesus, por sua vez, constrói seu itinerário pessoal e teológico à luz da solidariedade com os pequeninos, mesmo que, para isso, a consequência seja se tornar vítima do Império Romano, como tantos outros do seu povo já haviam sido.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) O discípulo e a discípula de Jesus vivem o evangelho inserido na realidade do dia a dia. Jamais é possível pensar o estilo de vida de Jesus como um processo que conduz à alienação. Deve-se viver Jesus na realidade do dia a dia com a missão de transformá-la.

2) Em Deus não há o projeto do egoísmo, mas o primado da partilha. Aquilo que ele nos concede não é apenas para nós. A ação abençoadora de Deus acontece para que nos tornemos fonte inesgotável de bênçãos para todos os outros.

3º DOMINGO DA QUARESMA

15 de março

Jesus, fonte de água viva

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus se aproxima das pessoas porque é relacional. É impossível pensar em Jesus se isolando de tudo e de todos. Há nele uma necessidade de conversar, interagir e ser fonte de água viva para todos em seus

desertos pessoais. Por isso, podemos afirmar que Jesus via a si mesmo como um construtor de pontes. Ele caminhava em direção às pessoas que haviam sido isoladas em seus desertos e lhes apresentava nova e inusitada proposta de vida. Ao se aproximar delas, indicava que não eram invisíveis e, aproximando-as dele, aproximavam-nas da comunidade de discípulos e discípulas.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Ex 17,3-7

Até mesmo no deserto podemos experimentar o milagre e a providência de Deus. Muitas vezes permitimos que nossa vida se transforme em grande deserto porque não admitimos a presença divina nela. E milagres acontecem somente com essa presença. Por causa disso, não é estranho que de uma rocha saia água. Soaria estranho, na verdade, apenas se Deus não estivesse presente! Sem sua presença, continuaremos a produzir cactos, e nunca flores. A aridez da vida existe não porque a água tenha sido extinta, e sim porque teimamos em não beber da fonte eterna que nasce de dentro do coração de Deus. Somente ele faz brotar água em meio à aridez da vida.

Não sobrevivemos sem água. Muito menos sobreviveríamos sem água no deserto. Também de pouco adianta estarmos diante de uma fonte de água cristalina sem ter os recipientes necessários para pegar porções generosas dessa água. Nesse caso, a proximidade da água, sem a possibilidade de bebê-la, só aumenta a sede e a ansiedade. O deserto e suas experiências certamente marcam a vida de muitos. Contudo, passar pelo deserto na companhia de Deus altera a experiência. Infelizmente, muitos continuam a passar sede, mesmo tendo a fonte de água ao seu lado. Não estamos destina-



dos à aridez e ao deserto. Seres humanos foram feitos para florescer junto a ribeiros de água. No entanto, esquecemo-nos com grande facilidade de cuidar do jardim que somos e, eventualmente, não nos preocupamos com as flores que já deveriam ter florescido.

Nem mesmo o deserto pode vencer o Deus prodigioso que temos. Na própria paisagem característica de um deserto é que se manifestará a força e a criatividade divina. Deus se utiliza da estrutura do deserto para transformá-lo em oásis. Essa é a transformação requerida por Deus a todas as pessoas: de pessoas-deserto para pessoas-oásis. Nas primeiras existe a morte, enquanto nas segundas superabunda a vida; na pessoa-deserto, a falta de esperança se transforma em alimento diário, ao passo que na pessoa-oásis a esperança cresce como árvore frondosa.

2. II leitura: Rm 5,1-2.5-8

A segunda leitura nos apresenta a centralidade de Jesus Cristo. Paulo é, nesse sentido, cristocêntrico. É tão somente por meio de Jesus Cristo que se torna possível a justificação. Imerecidamente recebemos a plenitude da vida abundante. A demonstração de amor de Jesus atinge, por que não dizer, o ápice. Pecadores recebem a maior demonstração de amor possível. Aqueles que se achavam distantes, porque eram pecadores, veem diante de si a construção de uma ponte – mediante Jesus – para que possam atingir a plenitude da vida abundante. Pode-se dizer que Deus é o primeiro “construtor de pontes” a fim de alcançar todos aqueles e aquelas que se consideravam inalcançáveis.

A esperança não decepciona mesmo em meio à tribulação. Não podemos nos esquecer de que o Império Romano, com seu sistema opressor e violento,

Francisco de Assis e Charles de Foucauld

Enamorados do Deus humanado

Dom Beto Breis, ofm



168 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Dois homens de tempos distantes, mas que se aproximam de modo extraordinário por um encanto comum: o fascínio pelo mistério da encarnação. Neste livro, Dom Beto Breis, à luz dos escritos de Francisco de Assis e Charles de Foucauld, mostra como ambos têm muito a dizer aos homens e mulheres do nosso tempo, sedentos das fontes genuínas do Evangelho e daquele encontro decisivo e vital que, como afirmou o Papa Francisco, “enche o coração e a vida inteira”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



gerava a dor, a destruição e a tragédia de forma diária. Exercitar a esperança que nasce em Deus se apresenta como verdadeiro antídoto para neutralizar as dores provocadas pelo império e exercitar a fé naquele que nos reconciliou.

3. Evangelho: Jo 4,5-42

Há muitos lugares para Jesus ir. Em cada um deles, vive-se uma experiência diferente. Na leitura do evangelho, Jesus se encontra numa fonte de água. Logo em seguida, aproxima-se uma mulher samaritana a fim de conseguir um pouco de água. E Jesus, num só ato, quebra dois paradigmas: conversa com uma mulher, que, ademais, é samaritana. Vivia-se numa sociedade dividida entre homens poderosos e mulheres fragilizadas; na qual judeus não se davam bem com samaritanos.

Uma sociedade de melhores e maiores que sempre venciam os piores e menores. Todavia, Jesus não é refém das barreiras que imobilizam e impedem a aproximação. A proximidade física dele em relação à mulher também é proximidade que produz humanização no relacionamento. Não há, para Jesus, divisão entre as pessoas. Todas devem se pensar como sujeitos de si mesmo. A mulher, por um momento, reproduz a cultura que divide, mas, posteriormente, compreende que Jesus é a fonte que jorra para a eternidade. Nesse momento, exclama: “Senhor, dai-me dessa água”. A sede de sentido somente é saciada por meio de Jesus Cristo.

No entanto, o diálogo com Jesus produz mais perguntas na mulher samaritana. Perguntas que nascem da divisão entre as pessoas: onde devemos adorar a Deus? Meu povo diz que é na montanha, e o seu diz que é em Jerusalém. Religiões também podem e desejam aprisionar o próprio

Deus. Aqui ou ali? Nesse tipo de religião, até mesmo Deus se encontra imobilizado. Jesus aproveita-se da dúvida e, pedagógica e catequeticamente, explica: “Deus é espírito, e é preciso que aqueles que o adoram o adorem em espírito e verdade” (v. 23). Orígenes certa vez descreveu e interpretou bem essa situação: “Você que segue a Jesus e o imita, você que vive na palavra de Deus, você que medita em sua lei de dia e de noite, você que se exercita em seus mandamentos e você que está sempre no santuário e nunca sai dele. Não é num lugar que você precisa procurar um santuário, mas nos atos, na vida, nos costumes. Se são segundo Deus, se são cumpridos segundo seus preceitos, pouco importa que você esteja em casa ou na rua, pouco importa inclusive que você esteja no teatro; se você serve o Verbo de Deus, você se encontra no santuário, não há dúvida alguma”.

Logo após o diálogo com a samaritana, os discípulos chegam e estranham que Jesus esteja conversando com uma mulher. O preconceito persiste, indicando que Jesus precisará de mais tempo para catequizar seus próprios discípulos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) O que dizem as pessoas quando dizemos que somos cristãos? A pergunta tem um caráter de urgência. Se seguirmos Jesus, precisamos, de todas as formas, falar e agir como ele falava e agia. Nosso jeito de ser revela que somos seus seguidores?

2) A demonstração de amor de Jesus pode ser considerada a maior demonstração de solidariedade. Jamais a humanidade foi amada a ponto de alguém dar a vida por ela. Quais seriam as formas por meio das quais poderíamos manifestar o amor e a solidariedade entre nós?



4º DOMINGO DA QUARESMA

22 de março

Se caminhamos na luz,
também iluminamos
os passos uns dos outros

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus é luz que ilumina tanto o interior quanto o exterior. Somente quando nos aproximamos da luz é que podemos, de fato, conhecer quem somos e para onde caminhamos. Afastados da luz, tornamo-nos cegos e nos distanciamos da missão e do propósito de Jesus. Quando iluminados, somos chamados a viver a vida de Jesus de forma pública, ou seja, inseridos na realidade do cotidiano a fim de transformá-lo.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: 1Sm 16,1.b.6-7.10-13a

A primeira leitura nos mostra uma reviravolta na história de Saul. Mesmo ele estando vivo, um novo rei é ungido. Certamente o texto da primeira leitura é pró-Davi. O aspecto que se procura mostrar é que Davi é superior a Saul. Todo o texto é construído nessa perspectiva de elevar Davi e rebaixar Saul. Para reforçar essa concepção, é o próprio Deus que envia Samuel. A missão deste é muito específica, não há como errar. Samuel, contudo, erra. Ao ver Eliab, logo pensa ser este o ungido de Javé. O profeta possivelmente ficou impressionado com a aparência e a estatura de Eliab. Parecia, aos seus olhos, que aquele possuía todas as características para ser ungido rei. Todavia, o próprio Deus intervém: “Não se impressione com a aparência ou estatura dele. O homem vê as aparências, e Javé olha o coração” (v. 7). Samuel precisaria olhar com os olhos de Deus, e não de forma limitada, como até então fazia. Um após o outro, foram

Paróquia e iniciação cristã

João Fernandes Reinert



264 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A metodologia catecumenal, caminho antigo e sempre novo para iniciar na fé, apresenta-se como uma renovada chance evangelizadora. Contudo, ela depende de renovada configuração paroquial. Catecumenato e renovação paroquial se complementam e se enriquecem. O que o catecumenato tem a dizer à renovação paroquial e em que sentido a paróquia renovada contribui para o catecumenato? Descubra neste livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



apresentados os sete filhos a Samuel, e todos foram desaprovados. Diante desse fato, Samuel pergunta: “Estão aqui todos os seus filhos?” Jessé, o pai, responde: “Falta o menor” (v. 11). O menor havia se tornado invisível aos olhos do pai e dos irmãos. O menor representaria o mais fraco e o menos capaz, como aquele em quem falta maturidade. Invisível aos olhos de todos, mas visível aos olhos de Javé. O menor – Davi – é chamado e, para surpresa de todos, é ungido, tendo, a partir desse dia, o espírito de Javé se apoderado dele. A ação de Javé quebra os paradigmas instituídos. O relato da unção de Davi traz à memória a vocação de Gedeão para ser juiz. Diante do chamado de Deus, Gedeão responde: “Por que eu? Eu sou o menor dos meus irmãos, e o clã a que pertencço é o mais pobre” (Jz 6,15). Olhar com os olhos de Deus permite enxergar a história desde seu reverso, ou seja, na perspectiva dos menores.

2. II leitura: Ef 5,8-14

O projeto de Jesus é que se caminhe na luz. Afinal, ele próprio é a luz que ilumina o mundo. Consequentemente, a única possibilidade para aqueles e aquelas que desejam seguir o caminho de Jesus é brilhar como o próprio mestre. Engana-se, porém, quem pensa que o tema da luz seja abstrato e imaterial. Não se trata de metáfora que leva ao isolamento ou à alienação. A luz requerida por Jesus produz frutos, ou seja, é útil não somente para a pessoa que brilha, mas, principalmente, para as demais pessoas. E qual seria o fruto da luz? Surpreendentemente, o texto bíblico nos informa que são três os frutos: bondade, justiça e verdade. A surpresa reside no fato de que, a princípio, o texto bíblico fala no singular (fruto da luz) e apresenta o resultado no plural (três frutos). Possivelmente o texto quei-

ra dizer que o fruto da luz se expressa de forma múltipla e simultânea. Aquele e aquela que caminham na luz produzem em seus caminhos, continuamente, gestos de bondade, justiça e verdade. Caminhar é expressão cara nos textos bíblicos. Trata-se de expressão que indica desacomodação e desalojamento. Caminha-se para construir o Reino. Caminha-se não para fugir das trevas, e sim para produzir frutos da luz que denunciem as obras das trevas. Nesse sentido, é possível perceber a responsabilidade pública e cidadã de cada discípulo e discípula de Jesus.

3. Evangelho: Jo 9,1-41

No evangelho de hoje, encontramos Jesus diante de uma pessoa que havia nascido cega. Talvez fosse um encontro rotineiro, mas tomará todo o capítulo 9 para ser narrado. O homem cego se torna o centro das atenções, tanto para os discípulos como para os fariseus. Ambos os grupos, ou seja, discípulos e fariseus, olham para a direção errada. As preocupações externadas por eles não são relativas ao ser humano que sofre por causa de sua condição física – o cego era mendigo. Era, na verdade, alguém condenado a viver na periferia da vida. Ele não via nada, e as pessoas, arbitrariamente e artificialmente, não conseguiam enxergá-lo. Diante do sofrimento físico e econômico do homem cego, discípulos e fariseus desejam discutir sistemas teológicos. Preferiam um sistema teológico que não se relacionava com a proteção da vida. De que vale uma teologia que não cuida das pessoas, principalmente das mais fragilizadas? Jesus responde à pergunta dos discípulos e vai além. Ele não é um teórico. Para Jesus, a reconstrução da vida é mais importante do que palavras teológicas vazias. Chama a atenção o fato de que o homem cego e mendigo, presumidamente peca-



dor e incapaz de construir palavras teológicas, é que dá verdadeira aula de catequese. Diante da arrogância dos fariseus, que presumidamente se apresentavam como discípulos de Moisés e questionavam a autoridade de Jesus, o cego mendigo responde, de forma categórica: “Isso é de admirar! Vocês não sabem de onde ele vem. Justamente ele, que abriu meus olhos! Sabemos que Deus não ouve os pecadores, mas aquele que o respeita e faz sua vontade, a este Deus ouve. Nunca se ouviu falar de ninguém que tenha aberto os olhos de alguém que nasceu cego. Se esse homem não tivesse vindo de Deus, não poderia fazer nada” (v. 30-33). Jesus demonstra que mais cegos são aqueles que não desejam ver. Explícitamente, os que se julgam detentores da verdadeira religião e juizes de todos os outros que são diferentes do “modelo” que construíram. Porque são cegos, não conseguem ser luz para aqueles que vivem na periferia da vida. Jesus, aproximando-se do homem cego e mendigo, mostra, de forma bastante clara, que nos aproximamos de Deus quando nos aproximamos dos sofredores deste mundo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

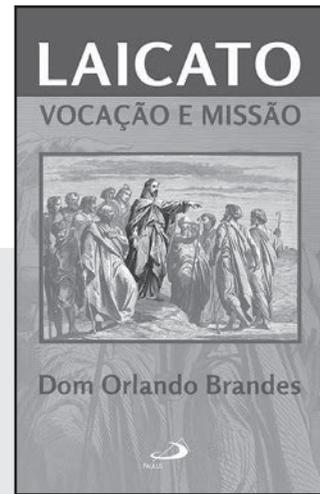
1) Jesus é luz, mas existem aqueles que preferem viver na escuridão da noite. Negligenciam a luz tanto interior quanto exterior. Quais seriam as possíveis maneiras de, iluminados, iluminarmos os caminhos de tantas pessoas que vivem processos de exclusão existencial, emocional, religiosa e social?

2) Aqueles(as) que vivem na luz produzem frutos enquanto caminham: quais seriam os frutos? Bondade, justiça e verdade. Indiquemos em quais ações e/ou comportamentos podemos encontrar os frutos da luz.

Laicato

Vocação e missão

Dom Orlando Brandes



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Em 2018, a Igreja no Brasil celebrou o Ano do Laicato. Para os leigos, foi tempo de celebrar e confirmar o compromisso com a missão que Deus lhes confiou: seguir Jesus Cristo, em busca da santidade. Convidamos você para conhecer melhor o seu papel como leigo na Igreja e na sociedade com o livro *Laicato: vocação e missão*, de Dom Orlando Brandes. Este subsídio especial vai ajudá-lo a compreender a identidade, a vocação e a missão dada por Deus a todo fiel cristão.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



5º DOMINGO DA QUARESMA
29 de março

Da morte para a vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

Imagens de ossos secos e de túmulos sempre trazem à mente a perspectiva da desolação, do limite da vida humana, da dor e da falta de esperança. Nessas situações-limite, a presença de Deus faz toda a diferença. Ossos secos recuperam o vigor da vida, Lázaro ressuscita e o Espírito de Deus resgata a esperança que havia sido perdida. O Espírito é quem provoca a renovação do ser humano. Por isso, onde existiam os sintomas da morte, a presença do Espírito produz a celebração da vida.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Ez 37,12-14

A primeira leitura está inserida no contexto da visão do vale de ossos secos do profeta Ezequiel. A imagem dos ossos secos e dos túmulos representa a condição de um povo morto, sem espírito e sem sentido de vida. Ezequiel é profeta que exerce sua atividade em meio ao exílio. Uma época de dor e sofrimento. Afinal, tudo quanto era importante, significativo e garantidor da própria identidade do povo de Deus deixara de existir. O poderoso exército da Babilônia, liderado por Nabucodonosor, invadiu e destruiu a cidade e o templo. Pensava-se, naquela época, que a cidade e o templo eram invioláveis porque Deus se fazia presente. As certezas do povo desmoronaram e, em terra estranha, exilado, “à beira dos rios da Babilônia, aí nos sentamos e choramos” (Sl 137,1). Se a dor está presente no cotidiano do povo, Ezequiel, nessa belíssima visão, mostra que Javé também se encontra presente. Todo o capítulo 37 proporciona refletir que a esperança está

germinando em meio ao sofrimento. Se a esperança parece escapar por entre os dedos e o desânimo não proporciona saída, o espírito de Deus sopra, restaurando todos aqueles que o exílio fatalmente havia atingido.

A ação é do próprio Javé. Ele é o protagonista da salvação. O Deus que está plenamente vivo e ativo para restaurar a vida e a esperança de seu povo. A depender da tradução, é possível ler, por duas vezes, a expressão “povo meu” (v. 12.13). Se o povo anteriormente, quando da destruição de Jerusalém, pensava ter sido abandonado por Deus, a expressão demonstra que, da parte de Deus, permanece inalterada a relação de afeto e de pertença do povo em relação a ele. Isso explica as múltiplas promessas: “vou abrir”, “tirar vocês”, “levá-los”, “colocar meu espírito”, “colocarei em sua própria terra”, a fim de que o povo saiba que ele é Javé.

2. II leitura: Rm 8,8-11

O apóstolo Paulo contrapõe dois projetos, dois estilos de vida diferentes: um orientado pela carne (os instintos humanos) e outro orientado pelo Espírito. Um projeto conduz à morte, o outro à vida. Não é possível conciliar um com outro. Aqueles que vivem o projeto da carne desagradam a Deus, e aqueles que vivem o projeto do Espírito são agradáveis a Deus. Na teologia paulina, o Espírito habita no discípulo de Jesus. O Espírito, portanto, é a confirmação de que se pertence também a Jesus. E, da mesma forma como o Espírito ressuscitou Jesus dentre os mortos, ele também produzirá vida nos corpos mortais. O Espírito é quem provoca a renovação interior. Onde existiam os sintomas da morte, a presença do Espírito produz a celebração da vida.



3. Evangelho: Jo 11,1-45

Jesus sempre chama para a vida. Mais do que isso, chama a cada um pelo nome. O evangelho de hoje narra a doença e morte de Lázaro. Suas irmãs se incomodam com o sofrimento do irmão e, apressadamente, enviam uma mensagem para Jesus: “Seu amigo está doente” (v. 3). Jesus mantém com Lázaro uma relação de autêntica amizade.

Há, por parte dele, preocupação genuína, própria dos amigos. Assim, ele tranquiliza as irmãs diante do desespero vivido: “Essa doença não é para a morte” (v. 4). Diante de um ambiente marcado pela dor, o evangelho nos lembra que Jesus amava Marta, Maria e Lázaro. Jesus sentia empaticamente a dor de Lázaro e, por isso, decide permanecer no mesmo local por mais dois dias. Não lhe é possível virar as costas àqueles que sofrem. A solidariedade sempre deve ser maior do que os próprios interesses. Assim, Jesus não se apresenta nessa narrativa como se fosse um grande bloco de gelo. A situação do amigo o incomoda sobremaneira.

Não há sofrimento estranho para Jesus. Por conta disso, e para desespero dos discípulos, ele decide retornar à Judeia. Como voltar para um lugar que respirava perigo? O que levaria Jesus a caminhar três quilômetros e arriscar a própria vida? A única resposta possível é a solidariedade que nasce em meio à dor. Jesus não pode seguir seu caminho se o caminho de seu amigo se encontra obstaculizado pela dor. Mais do que isso: a dor do amigo não permite que Jesus caminhe seus próprios passos. Diante da dor do próximo, os passos dados somente podem ser em direção a ele. Enfim Jesus chega – após quatro dias – à casa de Marta e de Maria. Quatro dias em que a dor havia se tornado tão penetrante, que

Sujeitos no mundo e na Igreja

João Décio Passos (org.)



344 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Nesse sentido, cresce na Igreja do Brasil o interesse de Dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, visando aprofundar sua identidade e atuação. É preciso juntar forças, unir-se na mesma ação evangelizadora, partilhando sonhos e desejos, convocando todos os batizados para uma reflexão sobre a missão da Igreja não apenas para os leigos, mas com os leigos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



as lágrimas já não podiam ser contidas: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido” (vv. 21.32), dizem as irmãs, uma após a outra. Pensavam que a ressurreição era um projeto apenas para o futuro e se esqueciam de que o projeto de Jesus proporciona vida plena desde já. A promessa de Jesus é clara: “Seu irmão vai ressuscitar” (v. 23). Por duas vezes lemos que ele “se comoveu interiormente e se perturbou” (vv. 33.38).

Não havia como permanecer impassível perante tamanha dor. Diante do local onde o corpo de Lázaro havia sido colocado, Jesus gritou bem forte: “Lázaro, venha para fora” (v. 43). A personalidade de Jesus impressiona. Ele não é impessoal, glacial e apático. Trata as pessoas pelo nome. Proferindo o nome, demonstra não só a proximidade do relacionamento, mas também a maneira mediante a qual se constrói a solidariedade em meio à dor. A ressurreição de Lázaro é bela catequese para que ouçamos as palavras de Jesus – dirigidas a cada um de nós – e acreditemos na vida em abundância que ele nos traz tanto no já quanto no ainda não.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) A ressurreição de Lázaro pode ser considerada bela catequese para que ouçamos as palavras de Jesus – dirigidas a cada um de nós – e acreditemos na vida em abundância que ele nos traz tanto no já quanto no ainda não. De que forma podemos compreender nossa missão numa sociedade que provoca a morte de milhares de pessoas diariamente, principalmente das mais fragilizadas?

2) Na visão do vale de ossos secos, é o próprio Javé que toma a iniciativa. Os ossos secos não podem fazer nada por si mesmos. Nessa cena, o grande e único protagonista é Deus.

DOMINGO DE RAMOS

5 de abril

Chamados para servir

I. INTRODUÇÃO GERAL

Tornamo-nos discípulos numa caminhada de obediência e de esperança ativa. Não basta nos autoproclamarmos discípulos e permanecermos na mesma condição indefinidamente, pelo resto da vida. A imobilidade não faz parte do perfil daquele que segue Jesus. O próprio Jesus renuncia ao direito de ser tratado como Deus para ser tratado como ser humano e, entre os humanos, ser tratado como um entre os menores. O serviço é sempre desinteressado. Serve-se por vocação. Vocação de discípulos e discípulas que vão ao encontro dos necessitados deste mundo.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Is 50,4-7

A primeira leitura se refere ao terceiro cântico do servo. Nesse cântico, é retratada, de maneira cristalina, a missão do servo. Missão marcada pela escuta da Palavra de Deus, pela fidelidade ao anúncio, pela perseguição e pela resistência. O texto insiste na condição do servo como discípulo. Por uma vez, ele é retratado como discípulo que possui uma língua “dada” por Deus e, por três vezes, é retratado como alguém que ouve. Notemos que Deus é sempre o autor da ação, ou seja, a ação é externa. Nada se inicia no servo. Sempre é Deus que age tanto para o discípulo falar quanto para ouvir. Todavia, o ouvir se apresenta como de primordial importância. Ouvir tem a ver com obediência. O discípulo, portanto, faz-se numa caminhada de obediência e de esperança ativa. Não basta se autoproclamar discípulo e permanecer na mesma condição indefinidamente, pelo resto da vida. A imobilidade não faz parte do perfil daquele que segue Jesus. A figura do servo sofredor abre



uma perspectiva nova. O personagem profético designado com o nome de servo padece o sofrimento porque veem nele a consequência dos pecados do povo. Ele carrega as dores dos outros. Todavia, o martírio vivido pelo servo se apresenta como a cura para os demais. Visto que justificou a multidão, o Senhor o exaltará e aceitará seu sacrifício.

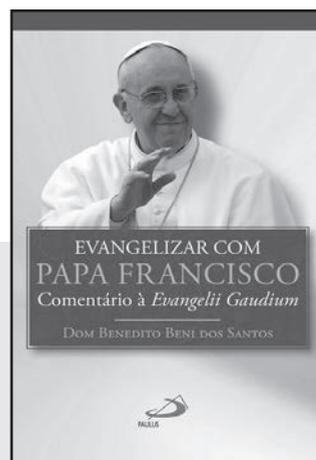
2. II leitura: Fl 2,6-11

O texto de Paulo em Filipenses 2 é contracultural. Trata-se de texto que subverte a lógica da sociedade e produz um projeto de vida na perspectiva dos menores. Jesus renuncia ao direito de ser tratado como Deus para ser tratado como ser humano e, entre os humanos, ser tratado como um entre os menores. Ele se apresenta como obediente. Não se importa se essa obediência o levará à morte. O que mais lhe importa é sua presença entre as muitas cruces que o Império Romano disseminava naquela época e as muitas cruces que nosso povo hoje precisa carregar. Bem que ele poderia ter se encarnado como um membro do Sinédrio judaico, um senador romano, quem sabe um proprietário de terras ou, ainda, como um César. Contudo, como poderia se assemelhar a todos aqueles que utilizavam de seus espaços de poder econômico, religioso e político para oprimir o povo? Necessariamente o projeto de Jesus nasce desde baixo. Ele se encontra na base da pirâmide social do Império Romano. Não se encontra, porém, sozinho. Junto a ele estão milhares de escravos que sofrem à espera do surgimento da esperança. Jesus se esvazia porque somente vazio pode se preencher, assim como preencher os outros. Que lógica invertida: somente vazios é que podemos ser bênçãos para os outros. Nesse belíssimo texto, temos dois movimentos brilhantes: um descendente e outro ascendente. Jesus, num movimento descendente, esvazia-se e humilha-se, e Deus, num movimento ascendente, eleva à condição de Senhor aquele que

Evangelizar com Papa Francisco

Comentário à *Evangelii Gaudium*

Dom Benedito Beni dos Santos



64 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* tem o estilo e o cunho pessoal do Papa Francisco. Sobretudo, expressa seu humanismo personalista, que é o humanismo do Evangelho. Além do Concílio Vaticano II, outra fonte significativa dessa exortação é o *Documento de Aparecida*, de cuja elaboração o então cardeal Jorge Mario Bergoglio participou ativamente, na V Assembleia do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em maio de 2007.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



havia chegado à mais baixa humilhação. No entanto, devemos observar que Jesus, elevado à condição de Senhor, não se apresenta como um César. Ele sempre se apresentará como um Senhor que é, ao mesmo tempo, um servo.

3. Evangelho: Mt 27,11-54

Lavar as mãos e ser indiferente a uma situação é o mesmo que assumir uma posição. Querendo ser neutro, Pilatos assume posição contrária à proteção da vida. Nesse período, a Palestina está sob forte dominação romana, e Jesus se encontra diante do governador para ser julgado. O Sinédrio tinha seus limites, isto é, podia realmente condenar alguém à morte, mas não tinha competência para executar a sentença. O episódio transcorre sob o manto da farsa. As autoridades judaicas e o representante do poder do império possuem seu próprio interesse político. Jesus permanece calado a maior parte do tempo. Não compactua com nenhum desses grupos. Para ele, ambos os grupos agem em benefício próprio. O destino de Jesus é a cruz. A cruz era considerada a punição mais grave que se poderia implementar. Em termos de severidade, somente podia ser comparada aos jogos de entretenimentos populares nos quais se lançavam as vítimas às bestas-feras. A crucificação, todavia, era muito mais comum, porque não necessitava de festa popular para ser executada com todo o seu rigor. Bastava, na verdade, de madeira suficiente para decorar as estradas do império. Nesse sentido, o espetáculo seguiria um fluxo contínuo, não dependendo, é claro, do calendário dos festivais.

No mundo romano, a crucificação, portanto, era plenamente coroada de significação política. Como meio de punição capital de crimes hediondos, constituía a “pena romana suprema”, quase sempre infligida às classes inferiores. Era a condena-

ção típica aplicada a escravos, como meio de dissuasão. Punição política e militar do Império Romano e instrumento para contra-atacar o que se considerava terrorismo de Estado, sua função era impedir a resistência ou a revolta, especialmente entre as classes inferiores. Em se tratando de Jesus, é possível dizer que o Império Romano raramente exercia seu poder sem necessidade. Nesse sentido, pode-se afirmar que o império “não crucificava professores ou filósofos”. Se Jesus tivesse sido apenas uma questão de palavras ou ideias, os romanos provavelmente o teriam ignorado. Muito mais do que as palavras, eram as ações de Jesus que incomodavam o projeto da disseminação da *pax romana*. A neutralidade não cabe no projeto de Jesus. Ele é sempre a favor da vida e contra todos os instrumentos que produzem e disseminam a morte.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) A cruz, no primeiro século, contra-põe-se à liberdade. Nas cruces (sempre será necessário pensar tais instrumentos de tortura no plural, pois, afinal, se espalharam absurdamente pelas estradas da Palestina) não são pendurados apenas corpos. Ali permaneceram histórias de vida que não puderam ser completadas, sacrificadas que foram no altar do império. Nas cruces do império se encontram corpos de escravos e, nos corpos, uma esperança de libertação.

2) Não existe neutralidade no seguimento de Jesus. Não se pode dar a mão, simultaneamente, a Deus e a Mamom (dinheiro); à solidariedade e ao egoísmo; à misericórdia e à violência. O evangelho de Jesus Cristo conduz a uma tomada de posição!

Os roteiros homiléticos do Tríduo Pascal (Ceia do Senhor, Paixão do Senhor e Vigília Pascal) podem ser acessadas no site da revista: <vidapastoral.com.br>



DOMINGO DA PÁSCOA

12 de abril

A Páscoa como o novo êxodo

I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa da Páscoa representa o centro de nossa fé. Muitos líderes religiosos viveram e morreram, mas somente o túmulo de Jesus se encontra vazio. Na libertação de Jesus, somos todos libertados. A morte, que era poderosa, tornou-se frágil. A maior e mais terrível força já existente, que ameaçava a integridade e a dignidade do ser humano, foi vencida, de uma vez por todas, pela ressurreição de Jesus.

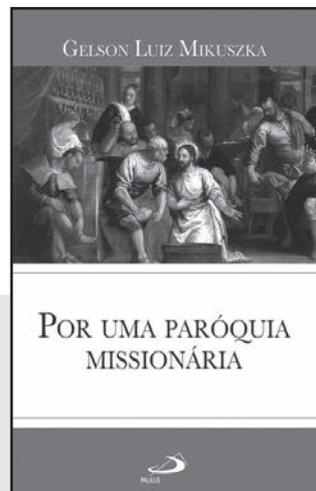
II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: At 10,34a.37-43

Na primeira leitura, encontramos o discurso que Pedro pronunciou na casa do centurião Cornélio. Nesse discurso é sublinhada, com insistência, a participação de Deus nos acontecimentos fundadores da Igreja: “Deus ungiu a Jesus com a força do Espírito Santo”; “Deus estava com ele”; “Deus o ressuscitou ao terceiro dia”; “Deus o nomeou como juiz dos vivos e dos mortos” (vv. 38.40.42). O anúncio de Pedro é que o acesso à Igreja, que constitui um caminho de libertação, foi aberto por Deus a todos os homens e mulheres, tendo como única condição a conversão do coração. Estamos diante de incrível dupla conversão. Tanto Pedro quanto Cornélio passam por um processo de transformação. Fronteiras e preconceitos devem ser vencidos, e, para isso, a presença do Espírito Santo é fundamental. O encontro de Pedro com Cornélio será de enorme importância para entendermos como, com base no amor de Cristo, podemos ser mais tolerantes uns para com os outros, apesar de nossas diferenças. Em

Por uma paróquia missionária

Gelson Luiz Mikuszka



176 pgs.

Imagens meramente ilustrativas.

A paróquia é célula viva da Igreja e lugar onde a maioria dos fiéis faz sua experiência eclesial com Cristo. Para que o papel evangelizador dessa grande e histórica instituição alcance cada vez mais êxito, foram reavivados, neste livro, alguns debates surgidos na Conferência de Aparecida, que desafiou a Igreja na América Latina a fazer de cada comunidade eclesial “um poderoso centro irradiador da vida”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



Jesus já não há razão para pensarmos em impurezas. Não há cidadão de segunda classe e, por conta disso, uma revolução social tem início. Numa sociedade onde os melhores são diferenciados dos piores, os maiores diferenciados dos menores, Jesus demonstra que o humano é muito mais importante do que a possibilidade de dividi-lo em puro ou impuro.

2. II leitura: Cl 3,1-4

A ressurreição de Jesus representa nossa própria ressurreição. Esta traz novo estilo de vida, o qual se define como a busca das coisas do alto. Todavia, não se trata de trocar as coisas da terra pelas do alto e vivermos como se fôssemos alienados. O mundo em que vivemos foi criado por Deus; ele mesmo invadiu a história quando libertou os escravos no Egito e, supremamente, quando o Verbo se fez carne, assumindo a história da humanidade como se fosse sua própria história. Não é o caso, portanto, de desprezar a realidade do mundo em que vivemos, e sim de saber que temos um projeto do alto para este mundo. A valorização da história deve ser refletida na maneira como se vive o projeto de Jesus na realidade. Deus possui uma “densidade” histórica muito perceptível. O Deus “incriado” invade a história humana para libertar todos quantos se encontram escravizados.

3. Evangelho: Jo 20,1-9

A Páscoa cristã representa um novo êxodo. Uma nova passagem, na qual Deus deseja fazer que as pessoas saiam do país da servidão e caminhem em direção à liberdade. Longe das idolatrias que podem impedir o caminhar, deverá prevalecer o mandamento do amor. A libertação pascal acontece a partir do momento em que o discípulo missionário de Jesus sai de sua prisão pessoal e caminha em direção a

Deus e aos irmãos e irmãs, a fim de amá-los. A paixão e a morte de Jesus significam que é Deus, e não a força humana, que nos liberta de nossos limites e impossibilidades. A interpretação do mistério pascal através desses óculos nos permite pensar em iniciativas de libertação social, econômica, ideológica e cultural de todos os oprimidos. Os cristãos, ao vivenciarem o programa de libertação presente na Páscoa, passam a colaborar com todos os que recusam o triunfo do ódio. Por ser puro dom de Deus, a ressurreição preserva o ideal da libertação de todas as armadilhas que tentam prejudicar o ser humano. Nesse sentido, é possível e necessário compreender a ressurreição como uma realidade holística, ou seja, uma realidade produzida por Deus, que busca a libertação integral do ser humano.

Uma cena com características curiosas: por correr mais depressa do que Pedro, o “outro discípulo” chegou antes ao sepulcro. Esse discípulo, “que queria ver Jesus”, viu e creu, conforme o evangelista (v. 8). Todo o Evangelho de João concede a esse amigo de Jesus certa preeminência em relação a Simão Pedro. Na manhã da Páscoa, é exatamente ele que tem a esplêndida intuição da fé no Ressuscitado. Uma fé libertadora, que se apresentava também como um presente do Deus vivo. Com a notícia do túmulo vazio, Pedro e o outro discípulo saem em desabalada carreira. Quem ama sai correndo em direção ao amado. Ao chegar ao túmulo e vê-lo vazio, o discípulo sem nome espera a chegada do seu companheiro. Ele não se considera superior a Pedro. É paciente e espera. Podemos muito bem compreender, porém, que somente aquele que mais ama consegue ver coisas que os outros não veem. Através dos olhos desse discípulo, podemos ver que Jesus está vivo.

No primeiro dia da semana, conforme o texto bíblico, surge a nova criação que emerge da morte e ressurreição de Jesus.



Foi num domingo que ele nos recriou a partir de sua ressurreição. Muito possivelmente, Maria Madalena representa a comunidade que está sem a perspectiva da fé e, por isso, não consegue assimilar a morte de Jesus. Como poderia ter morrido aquele em quem depositávamos toda a nossa fé? Ao olhar para o túmulo, ela pensava que ali Deus havia atingido seu limite. Um lugar que ficaria permanentemente marcado, no imaginário do povo, como o local do fracasso de Deus. Todavia, ela busca algo para preencher o vazio de seu coração. Anseia por vida, dignidade e amor. A fé sempre exige de nós algo a mais. Todos podemos ver as mesmas coisas, mas somente aquele que olha com fé poderá transcender-se a partir do olhar. O discípulo amado viu exatamente as mesmas coisas vistas por Pedro. Pode-se dizer que a qualidade do olhar fez toda a diferença. Mesmo que tudo possa indicar o contrário, aquele que olha com fé continua a caminhar; vê além dos horizontes e, mesmo que seja inverno, consegue antecipar a primavera.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

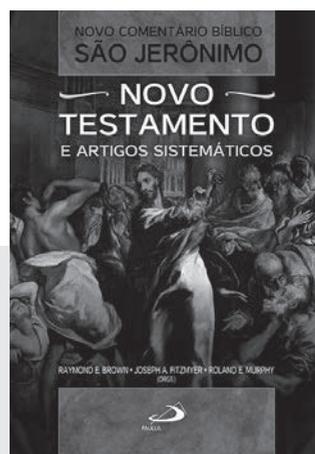
1) As atitudes de Pedro e Cornélio muitas vezes ressurgem nos comportamentos de cristãos que, não raro, se apresentam como intolerantes e com o desejo de separar as pessoas. Cultivam preconceitos contra tudo o que é diferente do próprio pensamento e imaginação e, por conta disso, em vez de buscarem a aproximação com as pessoas, acabam por promover o afastamento. Como evangelizar nesse caso?

2) Numa sociedade onde os melhores são diferenciados dos piores, os maiores diferenciados dos menores, Jesus demonstra que o ser humano é muito mais importante do que a possibilidade de divisão. Quais seriam as práticas evangélicas que nos levariam a viver unidos, e não desunidos?

Novo Comentário Bíblico São Jerônimo

Novo Testamento e artigos sistemáticos

Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer
e Roland E. Murphy (orgs.)



1800 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Concisão, objetividade e clareza são apenas algumas das características dos artigos deste comentário, destinado não só a exegetas e teólogos, mas também a pregadores, missionários, catequistas, cientistas de outras áreas do conhecimento e aos que buscam informações consistentes e abalizadas sobre o livro da Palavra de Deus.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



2º DOMINGO DA PÁSCOA
19 de abril

Igreja: comunidade de vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Igreja deve sempre ser pensada como uma comunidade de vida. Um lugar em que homens e mulheres vivam o discipulado em sua plenitude. Uma comunidade naturalmente terapêutica, missionária, fraterna e reflexiva. Uma comunidade que impacta a vida tanto daqueles que estão dentro quanto dos que se encontram fora. Por isso, a comunidade é geradora de nova realidade de fé. No entanto, não se trata de uma fé passiva ou que produza alienação. Ao contrário, estamos diante de uma expressão de fé que conduz a comunidade a ser missionária e a anunciar a todos o projeto transformador de Jesus.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: At 2,42-47

A leitura traz o primeiro sumário do que podemos considerar uma comunidade-modelo. Devemos pensar uma comunidade-modelo não como a isenta de erros e inadequações, mas como aquela que deseja ser sinal autêntico de Jesus nas estruturas da sociedade, bem como na forma de viver comunitária. Desse modo, a comunidade de Atos, com suas características, pode ser compreendida como o contraponto da sociedade que circundava o povo de Deus. A comunidade-modelo de Atos é fundamentada em quatro pilares, a saber: catequese, vida comunitária, Eucaristia e oração. Os quatro pilares agem tanto internamente quanto externamente. Trazem, assim, duplo impacto: no interior da comunidade, produzem a construção de nova realidade à luz do projeto de Jesus: novas relações interpessoais, novas relações econômicas, novas

relações de ensino, novo relacionamento com Deus; externamente, por causa da prática interna, angariam a estima de todo o povo. O jeito de ser do povo de Deus impactava diretamente aqueles e aquelas que ainda não haviam aderido a Jesus. Por conta disso, a primeira comunidade-modelo pode também ser considerada uma comunidade missionária.

2. II leitura: 1Pd 1,3-9

Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo, fez-nos renascer para uma esperança viva. Assim, para o autor da carta, a ressurreição de Jesus atinge plenamente o ser humano, retirando-o de uma vida sem esperança e sem sentido, e conduzindo-o para a plenitude da vida. No entanto, não se deve pensar que a herança no céu se refira a uma forma escapista de viver ou mesmo fatalista e conformista. Trata-se, isso sim, da afirmação de que, embora os fiéis vivam entre “diversas provações” (v. 6), Deus assume, com seu poder, a cada um deles, seus filhos e filhas. O sofrimento, nesse sentido, pode ser compreendido como purificador. E, dessa forma, a esperança ganha relevância no texto. A fé também é mostrada em sua essencialidade. Ela é mais preciosa do que o ouro. Mediante a fé, alcançamos a salvação de nossas vidas, pois com ela podemos amar Jesus mesmo que jamais o tenhamos visto; não o vemos, e cremos profundamente nele. Além disso, por conta da presença dele, extravasa-se uma alegria contagiante, que não se pode explicar.

3. Evangelho: Jo 20,19-31

A repreensão dirigida a Tomé é um convite a diferenciar entre a prova e o sinal. A fé, em si, não admite nenhuma demonstração. Ela não pode fazer mais do que surgir livremente dos sinais que

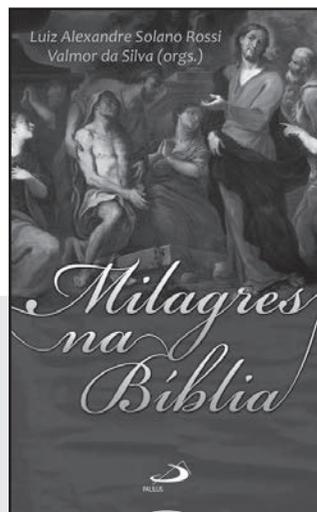


são propostos. Contemporaneamente, parece que tudo é reduzido a provas. Até mesmo canonizamos a prova em detrimento do sinal. Por que não dizer que a fé somente pode nascer do único lugar capaz de ler os sinais, isto é, do coração? Tomé sente a dúvida crescer quanto mais se afasta da comunidade. Somente no meio da comunidade é que podemos crescer no amor e na unidade, fazer a experiência de fé que nos leva ao coração do Ressuscitado. Tomé não tinha uma fé amadurecida. Sua fé se encontrava em processo de maturidade. O texto do evangelho não chega a dizer se Tomé tocou em Jesus. Em compensação, traz uma declaração pública de fé, pois, a partir daquele momento, Tomé passou a acreditar de todo o coração. No entanto, não podemos nos esquecer de que Jesus também dirige a cada um de nós uma palavra importante, como a que segue: “Felizes os que creem sem ter visto” (v. 29). Essa palavra nos retira da zona de conforto e nos leva a exercitar uma fé amadurecida e sincera. A experiência do Ressuscitado nos transforma em verdadeiros anunciadores da maior força que já existiu em toda a história humana, isto é, a única força capaz de vencer a morte!

Tomé quer acreditar, mas do jeito dele. Querendo acreditar, faz o caminho inverso. Parece um discípulo mesquinho que se afasta do testemunho da comunidade. Ele somente acreditava segundo seus padrões já estabelecidos. Ao desejar uma manifestação pessoal e especial de Jesus ressuscitado, talvez estivesse desejando controlá-lo e manipulá-lo. Tomé possivelmente quisesse um Ressuscitado à sua imagem e semelhança. Ele individualiza a experiência comunitária, ao dizer por três vezes: “Se eu não ouvir... se eu não colocar... se eu não colocar...” (v. 25). Egoisticamente, reduz a experiência coletiva do

Milagres na Bíblia

Luiz Alexandre Solano Rossi
e Valmor da Silva (orgs.)



152 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Este livro é um conjunto de seis artigos que refletem sobre os milagres, tal como aparecem na Bíblia e em outros textos sagrados. O objetivo é mostrar como o assunto é tratado nesses textos, o que eles procuravam revelar, quais os possíveis significados de cada milagre, qual foi a terminologia usada e as informações apresentadas em cada escrito.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



Ressuscitado à sua própria experiência. Portas fechadas indicam medo e insegurança. Pois é exatamente nesse ambiente marcado pelo medo que Jesus aparece, se coloca bem no meio dos discípulos e os saúda com a paz. O Cordeiro que havia vencido a própria morte se apresenta com os sinais da vitória. Há comunhão e alegria no ar – uma demonstração de todos aqueles que se encontram com Jesus. E, a partir do encontro, a comunidade se fortalece para a missão. Não se fazem discípulos sem missão. Ser discípulo é assumir responsabilidades, e não privilégios. Jesus bem sabia disso e, por isso, disse enfaticamente: “Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês” (Jo 20,21). Fortalecidos pela presença do Espírito, eles poderão estabelecer novas formas de convivência com base nas quais o pecado que separava uns dos outros cederá lugar ao reino do perdão e do amor mútuos.

Jesus chega trazendo a paz ao coração daqueles que estavam perturbados. Ele é o doador da paz. Se tirarmos Jesus do centro de nossas vidas, teremos o caos inevitável. Ele não somente traz a paz, mas também pede que essa mesma paz seja levada a outras pessoas. Quem vai garantir a missão da comunidade é o Espírito Santo. Espírito que gera força e relembra simbolicamente a ação de Javé quando criou o ser humano. Jesus, entre os seus, é o próprio criador da comunidade. Se a comunidade tem medo, agora ela passa a se guiar pela presença de Jesus ressurrecto. Já não há espaço para o medo no coração, pois este está totalmente ocupado com a presença de Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) A experiência do Ressuscitado nos transforma em verdadeiros anunciadores da maior força que já existiu em toda a história humana, a única força capaz de

vencer a morte! Como viver a ressurreição de Jesus em meio às múltiplas faces da morte presentes em nossa sociedade?

2) Em que medida as características da comunidade primitiva se manifestam em nossa comunidade atual? Relações de comparação poderiam ser feitas com objetivo pedagógico. O objetivo seria perceber se a comunidade atual está próxima ou distante das características da comunidade primitiva.

3º DOMINGO DA PÁSCOA

26 de abril

Igreja missionária por excelência

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Igreja deve ser compreendida como Igreja em saída, ou seja, missionária. A mensagem de Jesus ressuscitado não pode se tornar refém das quatro paredes de uma paróquia. Discípulos e discípulas não podem ser compreendidos como pessoas que se limitam somente às celebrações litúrgicas. É fora das quatro paredes que a missão ganha sentido. A Igreja não pode se acomodar e sonegar a mensagem da salvação a homens e mulheres. A missão exige o envolvimento de cada um da comunidade. Nesse sentido, todos os discípulos e discípulas são, simultaneamente, também missionários e missionárias.

II. COMENTÁRIOS AOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: At 2,14a.22-33

A Igreja existe para fazer missão. Ela é e deve ser compreendida, necessariamente, como uma Igreja missionária. Dessa forma, encontra-se sempre “em saída”, ou seja, não se tranca nem, muito menos, foge de sua responsabilidade. Pedro, diz-nos a leitura, ficou de pé. Todavia, não foi uma ação isolada e particular do apóstolo. A



ação de Pedro – seu discurso missionário – representava o desejo de todos, e, assim, todos os demais apóstolos se levantaram com ele. Todos naquele ambiente ouviam a voz de Pedro e, no entanto, por meio daquela única voz, todo o corpo apostólico falava. Qual o conteúdo do anúncio de Pedro? Ele faz o anúncio da Boa-nova do Ressuscitado. Sabiamente se utiliza de passagens do Antigo Testamento para demonstrar como Cristo foi assassinado por meio da crucificação e, todavia, a habitação dos mortos não conseguiu segurá-lo. Por isso, na comparação feita por Pedro, enquanto o túmulo do patriarca Davi podia ser visto até aquele momento, o túmulo de Jesus se encontrava vazio. Jesus representa, a partir da ressurreição, a plenitude do amor e da misericórdia. Afinal, mesmo estando entre eles com milagres, prodígios e sinais, e tendo sido brutalmente assassinado e ressuscitado, continua a amar e ser misericordioso.

2. II leitura: 1Pd 1,17-21

A segunda leitura está inserida numa série de exortações para o bem viver em comunidade, além de reforçar a identidade daqueles que assumem o discipulado como estilo de vida. O tom dos versículos recai sobre o comportamento que a comunidade deve exibir. Seus membros não podem, na verdade, reproduzir os comportamentos que herdaram de seus antepassados. Embora estejam em terra estranha e vivam na condição de marginalizados, não podem negligenciar a vontade de Deus e dela se afastar. O fundamento das exortações é que eles foram resgatados por meio do sangue de Jesus Cristo. Prata e ouro, mesmo que possam mover mundos e fazer que os olhos de muitos brilhem, são perecíveis. Somente em Jesus é possível preencher “o vazio de viver” que é próprio a cada ser humano.

Sacramentos, práxis e festa

Francisco Taborda, sj



256 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Neste livro, além de tratar das grandes questões da teologia dos sacramentos de forma clara, acessível, convincente e cativante, o autor faz uma reformulação dessa teologia com base em um círculo dialético-hermenêutico formado por duas categorias: a da “práxis”, para a fé cristã, e a da “festa”, para os sacramentos da fé. Desse modo, Francisco Taborda deixa claro o lugar dos sacramentos na vida cristã.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



3. Evangelho: Lc 24,13-35

Jesus já não se encontrava no túmulo, e a notícia que se espalhava era que ele havia ressuscitado. Muitos creram, e tantos outros consideraram a notícia absurda. Provavelmente nesse momento se inicia a dispersão daqueles que não acreditaram no testemunho das mulheres discípulas de Jesus – Maria Madalena, Joana e Maria. Entre os desconfiados, há dois discípulos que resolvem se afastar de Jerusalém. A cidade ainda respirava ares de ameaça. Os acontecimentos eram ainda bastante recentes, e o mais apropriado era se afastarem em direção a um vilarejo chamado Emaús. Dez quilômetros separam a cidade de Jerusalém do vilarejo de Emaús. Pode-se dizer, porém, que, quanto mais eles se afastavam da cidade de Jerusalém, mais ela se fazia presente neles. Conforme caminhavam, os dois conversavam a respeito dos últimos acontecimentos. Seus pés os levavam para longe da cidade, mas a mente deles ainda se encontrava lá. Possivelmente estavam desanimados e a esperança lhes havia fugido por entre os dedos. Teriam de reiniciar a vida. Apostaram-na no projeto de Jesus e, nesse momento, para eles, Jesus se encontrava morto. Os dois discípulos fugiam do furacão que havia atingido toda a comunidade. A fuga era a única aparente saída para eles.

Mas justamente nesse caminho é que Jesus se aproxima e passa a caminhar ao lado deles. Não somente caminha, mas também inicia um diálogo. Os discípulos têm os olhos embaçados de tal forma que não reconhecem aquele que caminha com eles. Têm olhos e não podem enxergar. Jesus provoca: “Sobre o que vocês estão falando?” (v. 17). Com o rosto marcado pela tristeza, um deles responde: “Será você o único estrangeiro em Jerusalém que não sabe das coisas que aí acontece-

ram nesses dias?” (v. 18). Caracterizam os dois discípulos olhos que não conseguem ver com clareza, faces marcadas pela tristeza, pés que caminham sem esperança, mentes que não conseguem interpretar os últimos acontecimentos e corações que se esfriaram por falta de fé. Jesus faz uma primeira catequese aos dois discípulos desiludidos. Explica-lhes o que as Escrituras dizem a seu respeito. No entanto, será somente num segundo momento de catequese que os discípulos “acordarão”. Trata-se de catequese que integra gestos e palavras. Jesus, estando à mesa com os dois, toma o pão, abençoa-o, parte-o e o distribui. Nesse momento, os olhos dos discípulos se abrem e conseguem reconhecer Jesus, recordando-se de que, desde a primeira catequese, o coração deles ardia por causa das palavras que ouviram no caminho. Aqueles dois já não são os mesmos que haviam saído de Jerusalém. Haviam sido transformados e, por conta disso, resolvem voltar para o lugar de origem. Voltam já não vazios e sem sentido de viver. Trazem no coração e na mente a mais fantástica das mensagens: Jesus realmente está vivo!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1) Os discípulos fogem porque não conseguem compreender claramente o projeto de Jesus. Fazem um caminho com medo e assustados. Teriam renunciado a Jesus por causa da possível decepção que viveram? O caminho de Emaús pode ser considerado o caminho de cada um de nós. Somente o encontro com Jesus no caminho é que restaura a vida, produz motivação e expulsa a decepção.

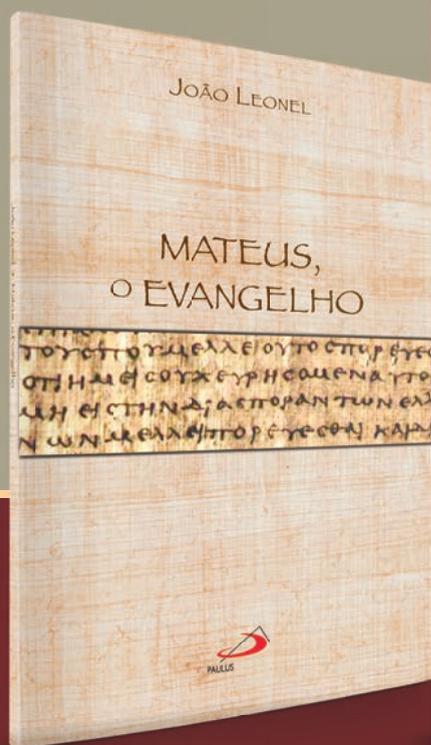
2) Quais características da nossa comunidade indicam ser ela uma comunidade missionária? Quais características lhe faltam? De que forma seria possível alcançar as características faltantes?

VP

“VÃO E FAÇAM QUE TODAS AS NAÇÕES SE TORNEM DISCÍPULAS.”

OBRAS ESSENCIAIS PARA COMPREENDER
A MENSAGEM MISSIONÁRIA DO
EVANGELHO DE MATEUS.

A Igreja estabeleceu uma sequência de leituras bíblicas para os domingos e solenidades alternadas a cada ciclo de três anos. As leituras desses dias são distribuídas em ano A, B e C. 2020 é Ano A, quando se lê o Evangelho de Mateus. Aprofunde seu conhecimento e meditação desse Evangelho com os livros da PAULUS!



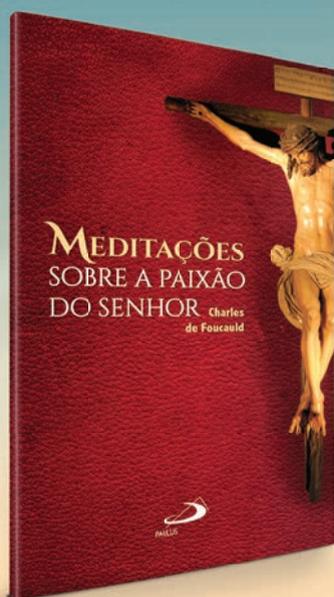
MATEUS, O EVANGELHO
João Leonel



LENDO O EVANGELHO SEGUNDO MATEUS
O caminho do discipulado do Reino
Jaldemir Vitório SJ

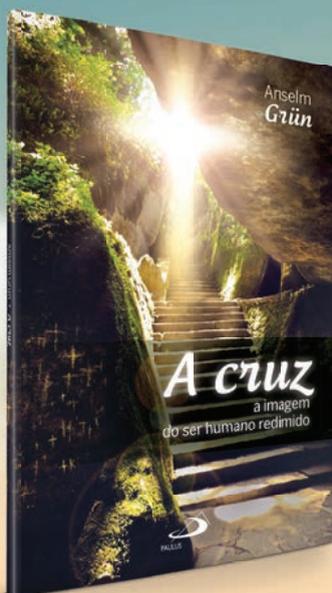
QUANDO TUDO PARECIA O FIM ERA SO Ó INICÍO

A chegada da Páscoa traz a oportunidade de meditar o sacrifício de Jesus na cruz, em benefício de toda a humanidade. A PAULUS tem os melhores livros para ajudar você a refletir sobre o verdadeiro significado deste tempo de renovação, esperança e paz. **Confira!**



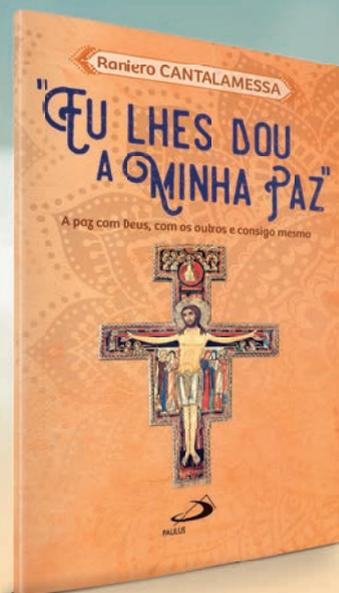
Meditações sobre a Paixão do Senhor
Charles de Foucauld

Vinte e quatro meditações do irmão Charles de Foucauld compõem esta obra, que auxilia o leitor na reflexão e na preparação espiritual para a Páscoa.



A cruz
A imagem do ser humano redimido
Anselm Grün

Com escritos cativantes, a obra inspira novas reflexões espirituais e teológicas sobre a cruz e sua simbologia, conduzindo o leitor a lidar com as muitas cruzes presentes no cotidiano.



"Eu lhes dou a minha paz"
A paz de Deus, com os outros e consigo mesmo
Raniero Cantalamessa

A Bíblia nos ensina que a paz mais importante é entre Deus e a humanidade. Este livro explica por que a verdadeira paz vem do sacrifício de Cristo na cruz, momento no qual o Redentor completa a obra da salvação.